

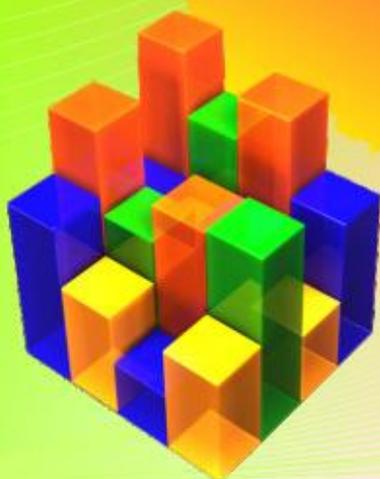


GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria do Planejamento  
e Gestão*

# IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

2º Trimestre de 2020



Fortaleza – Ceará

**ipece** INSTITUTO  
DE PESQUISA  
E ESTRATÉGIA  
ECONÔMICA  
DO CEARÁ

## GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Sobreira de Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

### SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Ronaldo Lima M. Borges – Secretário (respondendo)

José Flávio Barbosa Jucá de Araújo – Secretário Executivo de Gestão

Flávio Ataliba F. D. Barreto – Secretário Executivo de Plan. e Orçamento

Ronaldo Lima M. Borges – Secretário Executivo de Plan. e Gestão Interna

### INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

#### Diretor Geral

João Mário de França

#### Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

#### Diretor de Estudos Sociais – DISOC

Ricardo Antônio de Castro Pereira

#### Diretor de Estudos Gestão Pública – DIGEP

Marília Rodrigues Firmiano

#### Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN

Rafaela Martins Leite Monteiro

#### IPECE Conjuntura – 2º Trimestre de 2020

Volume 9 – Nº 2 – Setembro/2020

#### DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

#### Elaboração:

*Adriano Sarquis (Coordenação Geral)*

*Paulo Pontes (Coordenação Técnica)*

*Alexsandre Lira Cavalcante*

*Ana Cristina Lima Maia Souza*

*Nicolino Trompieri Neto*

*Daniel Suliano*

*Rogério Barbosa Soares*

*Witalo de Lima Paiva*

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

**Missão:** Gerar e disseminar conhecimento e informações, subsidiar a formulação e avaliação de políticas públicas e assessorar o Governo nas decisões estratégicas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Ceará.

**Valores:** Ética, transparência e impessoalidade; Autonomia Técnica; Rigor científico; Competência e comprometimento profissional; Cooperação interinstitucional; Compromisso com a sociedade; e Senso de equipe e valorização do ser humano.

**Visão:** Até 2025, ser uma instituição moderna e inovadora que tenha fortalecida sua contribuição nas decisões estratégicas do Governo.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) –

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -  
Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

## Sobre o IPECE Conjuntura

O IPECE CONJUNTURA é uma publicação trimestral da Conjuntura Econômica Cearense em que são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços.

O Mercado de Trabalho tem como base a PNAD contínua do IBGE e a evolução do emprego formal a partir dos dados do Ministério do Trabalho (MTb). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros dois temas também contemplados no documento.

## Conteúdo

- 1 Sumário Executivo, 3
- 2 Panorama Internacional e Economia Brasileira, 4
  - 2.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial, 4
  - 2.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 5
  - 2.3 Inflação, 7
- 3 Atividade Econômica Cearense, 9
  - 3.1 Produto Interno Bruto, 9
  - 3.2 Agropecuária, 10
  - 3.3 Indústria, 13
  - 3.4 Serviços (Pesquisa Mensal de Serviços), 18
- 4 Mercado de Trabalho, 25
  - 4.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará, 25
  - 4.2 Emprego Formal, 26
- 5 Comércio Exterior, 29
- 6 Finanças Públicas, 33

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.  
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.  
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

## 1 Sumário Executivo

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2020 apresenta uma estimativa de queda de 4,9%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de junho de 2020, fortemente afetada pelos efeitos da Covid-19;
- No segundo trimestre de 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil registrou uma queda de 11,4% em relação ao segundo trimestre de 2019;
- No segundo trimestre de 2020, com relação ao mesmo período de 2019, a economia cearense apresentou uma retração de 14,55%, em decorrência das medidas de distanciamento social que ordenou o fechamento das atividades de serviços e indústria não essenciais a partir de 19 de março de 2020. No acumulado dos últimos quatro trimestres registra-se queda de 2,72%;
- Quanto a produção estadual de grãos no 2º trimestre de 2020, as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE, para o estado indicam um nível de produção de 789,4 mil toneladas, sendo 39,8% maior do que a safra obtida em idêntico período de 2019;
- No segundo trimestre de 2020, a indústria de transformação cearense registrou uma retração de 42,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior;
- Na atividade de serviços, dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros do Ceará registrou queda de 25,6% no segundo trimestre do ano de 2020 com relação ao mesmo trimestre do ano de 2019;
- Em relação as vendas do varejo comum as vendas cearenses apresentaram queda em abril (34,8%), maio (30,7%) e junho (8,3%), comparativamente a idêntico mês do ano anterior;
- A taxa de desocupação nesse segundo trimestre de 2020 voltou a se elevar com relação ao mesmo trimestre do ano anterior, tendo registrado o patamar de 12,1%;
- O mercado de trabalho cearense, Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), foram destruídas 46.485 vagas no segundo trimestre de 2020;
- As exportações cearenses, no acumulado do segundo trimestre de 2020, atingiu o valor de US\$ 397 milhões, registrando queda de 30,6%, frente ao 2º trimestre de 2019. As importações cearenses apresentaram decaindo de 20,9%, atingindo o montante de US\$ 493 milhões,;
- No aspecto das finanças públicas estaduais, é interessante observar que a receita corrente líquida foi, no segundo trimestre de 2020, 10,6% inferior a verificada um ano antes, sendo a redução de 33,3% das receitas tributárias o principal fator explicativo. Já as receitas de transferências tiveram incremento de 15,2% no trimestre, comparativamente ao ano anterior, dado o auxílio emergencial e complementação do FPE promovidas pela União.

## 2 Panorama Internacional e Economia Brasileira

### 2.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

O crescimento da economia mundial para o ano de 2020 apresenta uma estimativa de queda de 4,9%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do World Economic Outlook Update de junho de 2020. A projeção atual encontra-se 1,9 pontos percentuais abaixo do último valor apresentado no relatório de abril de 2020, quando projetava-se uma retração de 3,0% para o mesmo ano. Esta redução da previsão deve-se aos efeitos negativos da pandemia da Covid-19 já contabilizados nos meses de abril e maio de 2020, que se intensificaram na maior parte dos países pertencentes aos continentes europeu e americanos.

Na análise do PIB do segundo trimestre de 2020, em comparação com o primeiro trimestre de 2019, para a União Europeia e as maiores economias mundiais analisadas, observa-se retrações no PIB, com exceção da economia chinesa, que apresentou crescimento. A razão destas quedas é explicada em grande parte pelo mesmo motivo, as medidas de isolamento social para o combate da pandemia. Tais medidas forçaram o fechamento das atividades de serviços e indústrias não essenciais, afetando fortemente o consumo das famílias e os setores do turismo e exportações, bem como a taxa de desemprego e os investimentos público e privado.

O Produto Interno Bruto (PIB) americano no segundo trimestre de 2020, com relação ao mesmo período de 2019, apresentou uma retração de 9,1%, sendo um crescimento bem inferior ao registrado no segundo trimestre de 2019, com relação ao mesmo período de 2018 (2,0%). A maior parte da queda registrada no segundo trimestre de 2020 é consequência dos efeitos sentidos pela economia em abril, quando grande parte da atividade econômica foi paralisada, com o fechamento de restaurantes, bares e indústrias para conter a pandemia.

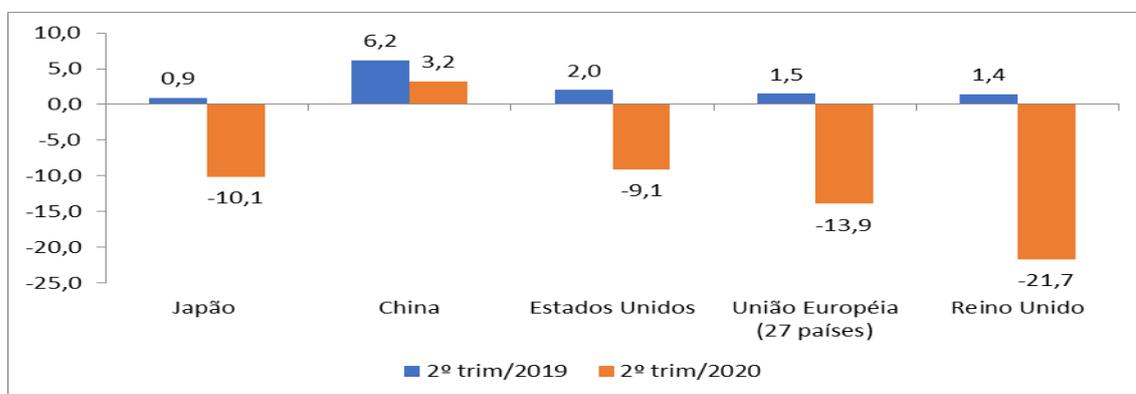
A União Europeia apresentou no segundo trimestre de 2020, com relação ao mesmo período de 2019, uma queda de 13,9%, sendo um resultado muito inferior ao registrado em 2019 (1,5%), ante ao mesmo trimestre de 2018. A forte queda foi influenciada em grande parte pelos países europeus que sofreram mais intensamente com os casos de contaminações e mortes da doença Covid-19, como Itália, Espanha e França. O Reino Unido, após a finalização do processo de saída da União Europeia, sofreu de forma mais intensa as consequências negativas da pandemia, registrando um recuo de 21,7% na comparação interanual do segundo trimestre de 2020.

A economia da China apresentou uma retração de 6,8% no primeiro trimestre de 2020, com relação ao mesmo período de 2019, sendo um resultado muito abaixo ao registrado no segundo trimestre de 2019 (6,2%). A China foi a única grande economia que apresentou crescimento, quando as medidas de isolamento social já não ocorriam no segundo trimestre de 2020, dado que o início do isolamento se deu na cidade de Wuhan a partir de janeiro de 2020,

com término em março de 2020. O crescimento da China foi puxado pela produção industrial, mas ainda aquém dos níveis verificados no segundo trimestre de 2019.

Dentre as maiores economias do mundo, o Japão foi o país menos impactado por número de casos e mortes em decorrência da Covid-19, ainda assim registrou forte queda de 10,1% no segundo trimestre de 2020, em relação ao mesmo trimestre de 2019, sendo muito aquém ao registrado para o segundo trimestre de 2019 (0,9%). Apesar de não ter ocorrido fortes medidas de isolamento social, como nos outros países desenvolvidos, a economia sofreu com a queda nas exportações, dado que é um dos maiores exportadores industriais do mundo, além do fechamento para o turismo internacional no país, setor que vinha apresentando boas taxas de crescimento nos anos recentes. Além disso, o país também apresentou reduções no consumo das famílias e nos investimentos privados.

Gráfico 2.1 - Taxa (%) de Crescimento do PIB – 2º trimestre de 2020 em relação ao 2º trimestre de 2019.



Fonte: OECD

## 2.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

Devido aos efeitos do isolamento social, em decorrência da pandemia da Covid-19, no segundo trimestre de 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou uma queda de 11,4% em relação ao segundo trimestre de 2019 (Tabela 2.1). No resultado do acumulado do ano, referente ao primeiro semestre de 2020, em comparação com o primeiro semestre de 2019, verifica-se uma retração de 5,9%. Em relação ao acumulado nos últimos quatro trimestres, registra-se uma queda de 2,2%.

Tabela 2.1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Brasil - 2º Trim. 2019 a 2º Trim. 2020 (\*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2019 (**)	3º Trim. 2019 (**)	4º Trim. 2019 (**)	1º Trim. 2020 (**)	2º Trim. 2020 (**)	Acumulado no ano (**)	Acum. 4 últimos Trim (***)
<b>Agropecuária</b>	<b>1,4</b>	<b>2,1</b>	<b>0,4</b>	<b>1,9</b>	<b>1,2</b>	<b>1,6</b>	<b>1,5</b>
<b>Indústria</b>	<b>0,3</b>	<b>1,0</b>	<b>1,5</b>	<b>-0,1</b>	<b>-12,7</b>	<b>-6,5</b>	<b>-2,5</b>
Extrativa Mineral	-9,3	4,0	3,4	4,8	6,8	5,8	4,7
Transformação	1,4	-0,5	1,1	-0,8	-20,0	-10,7	-5,0
Construção Civil	2,4	4,4	1,0	-1,0	-11,1	-6,1	-1,6
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	2,2	1,6	-0,8	-1,8	-5,8	-3,8	-1,7
<b>Serviços</b>	<b>1,2</b>	<b>1,0</b>	<b>1,6</b>	<b>-0,5</b>	<b>-11,2</b>	<b>-5,9</b>	<b>-2,2</b>
Comércio	2,0	2,4	2,2	0,4	-14,1	-6,9	-2,2
Transportes	0,4	-1,0	1,0	-1,6	-20,8	-11,3	-5,5
Intermediação Financeira	-1,0	1,3	3,0	2,0	3,6	2,8	2,5
Administração Pública	0,0	-0,6	0,4	-0,4	-8,6	-4,5	-2,3
Outros Serviços	1,5	0,9	1,5	-3,4	-23,6	-13,6	-6,1
<b>Valor Adicionado (VA)</b>	<b>1,0</b>	<b>1,1</b>	<b>1,6</b>	<b>-0,2</b>	<b>-10,8</b>	<b>-5,5</b>	<b>-2,1</b>
<b>PIB</b>	<b>1,1</b>	<b>1,2</b>	<b>1,7</b>	<b>-0,3</b>	<b>-11,4</b>	<b>-5,9</b>	<b>-2,2</b>

Fonte: IPECE e IBGE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação ao período imediatamente anterior.

Dentre as atividades que compõem a geração do Valor Adicionado no segundo trimestre de 2020 em relação a igual período do ano anterior, a Agropecuária apresentou um crescimento de 1,2%. Este resultado é explicado pelo desempenho de alguns produtos da lavoura que possuem safra relevante no segundo trimestre e pela produtividade.

A Indústria teve retração de 12,7%, a mais intensa da série histórica, nesta base de comparação. A atividade da Indústria de Transformação apresentou o pior resultado (-20,0%), outro recorde negativo da série histórica, influenciado, principalmente, pelo recuo na fabricação de veículos; de outros produtos de transporte; de máquinas e equipamentos; e na indústria têxtil e de artigos de vestuário. O segundo recuo mais intenso veio da Construção Civil (-11,1%), explicada pela redução da ocupação e da produção de seus insumos. A atividade de Eletricidade, Gás e Água (SIUP) apresentou queda de 5,8%, em contrapartida, a Indústria Extrativa apresentou um crescimento de 6,8%, devido aumento da extração de petróleo.

O setor de Serviços caiu 11,2% na comparação com o mesmo período do ano anterior, sendo a maior queda já registrada na série histórica. Os piores resultados foram em Outros Serviços (-23,6%) e Transportes (-20,8%). Também houve quedas em Comércio (-14,1%) e Administração Pública (-8,6%). Por outro lado, a atividade Intermediação Financeira registrou crescimento de 3,6%.

Tabela 2.2 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Brasil - 2º Trim. 2019 a 2º Trim. 2020 (\*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2019 (**)	3º Trim. 2019 (**)	4º Trim. 2019 (**)	1º Trim. 2020 (**)	2º Trim. 2020 (**)
<b>Agropecuária</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>-0,7</b>	<b>0,5</b>	<b>0,4</b>
<b>Indústria</b>	<b>0,7</b>	<b>0,5</b>	<b>0,1</b>	<b>-0,8</b>	<b>-12,3</b>
Extrativa Mineral	-3,0	12,7	0,8	-4,7	-1,1
Transformação	1,0	-0,9	0,1	-1,9	-17,5
Construção Civil	3,6	0,7	-3,0	-3,3	-5,7
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-0,2	-1,2	-0,1	-0,3	-4,4
<b>Serviços</b>	<b>0,0</b>	<b>0,1</b>	<b>0,6</b>	<b>-2,2</b>	<b>-9,7</b>
Comércio	0,6	0,4	-0,2	-1,4	-13,0
Transportes	-0,1	-0,1	1,3	-2,4	-19,3
Intermediação Financeira	-0,7	1,7	0,9	0,2	0,8
Administração Pública	-0,5	-0,7	1,0	-1,4	-7,6
Outros Serviços	0,1	0,0	0,8	-5,3	-19,8
<b>Valor Adicionado (VA)</b>	<b>0,1</b>	<b>0,3</b>	<b>0,6</b>	<b>-2,4</b>	<b>-9,3</b>
<b>PIB</b>	<b>0,5</b>	<b>0,1</b>	<b>0,5</b>	<b>-2,5</b>	<b>-9,7</b>

Fonte: IPECE e IBGE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação ao período imediatamente anterior.

Na comparação do segundo trimestre de 2020, em relação ao primeiro trimestre de 2020, na série com ajuste sazonal, o PIB brasileiro caiu 9,7% (Tabela 2.2). Essa foi a queda mais intensa da série histórica, iniciada em 1996, para esta base de comparação. Entre os grandes setores da economia, a maior queda foi na Indústria (-12,3%), seguida por Serviços (-9,7%). A Agropecuária apresentou variação positiva de 0,4%.

Entre as atividades que compõem o setor da Indústria, destacam-se as quedas na Indústria de Transformação (-17,5%), na Construção Civil (-5,7%), na atividade de Eletricidade, Gás e Água (SIUP) (-4,4%) e na Indústria Extrativa (-1,1%). No setor de Serviços, os destaques negativos foram: Outros Serviços (-19,8%), Transporte (-19,3%), Comércio (-13,0%) e Administração Pública (-7,6%). Por outro lado, houve resultado positivo na atividade de Intermediação Financeira (0,8%)

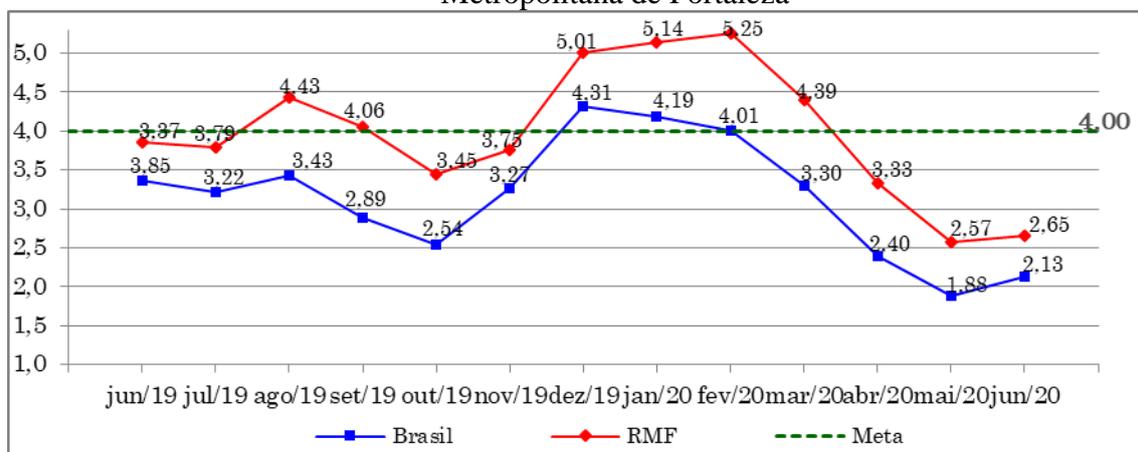
### 2.3 Inflação

O Gráfico 2.2 revela que a inflação acumulada dos últimos 12 meses da Região metropolitana de Fortaleza (RMF) após a deflação em abril e maio atingiu a mínima de 2,57% em maio de 2020 voltando a acelerar em junho tendo alcançado 2,65%. No Brasil, o acumulado dos últimos 12 meses atingiu a mínima de 1,88% em maio tendo alcançado 2,13% em junho, bem abaixo da meta de 4% para 2020 estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

Nesse contexto, o Comunicado de junho de 2020 do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) na atualização do cenário básico ressalta as seguintes observações: no cenário externo, a pandemia da Covid-19 continua provocando uma desaceleração pronunciada do crescimento global. Apesar da provisão significativa de estímulos fiscal e

monetário pelas principais economias e de alguma moderação na volatilidade dos ativos financeiros, o ambiente para as economias emergentes segue desafiador; em relação à atividade econômica, a divulgação do PIB do primeiro trimestre confirmou a sua maior queda desde 2015, refletindo os efeitos iniciais da pandemia. Prospectivamente, a incerteza permanece acima da usual sobre o ritmo de recuperação da economia ao longo do segundo semestre deste ano; o Comitê avalia que diversas medidas de inflação subjacente se encontram abaixo dos níveis compatíveis com o cumprimento da meta para a inflação no horizonte relevante para a política monetária

Gráfico 2.1: Variação Acumulada dos últimos 12 meses IPCA – Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza



Fonte: IBGE; Elaboração: IPECE.

O Comitê também considera que a magnitude do estímulo monetário já implementado parece compatível com os impactos econômicos da pandemia da Covid-19. Para as próximas reuniões, vê como apropriado avaliar os impactos da pandemia e do conjunto de medidas de incentivo ao crédito e recomposição de renda, e antevê que um eventual ajuste futuro no atual grau de estímulo monetário será residual.

### 3 Atividade Econômica Cearense

#### 3.1 Produto Interno Bruto

No segundo trimestre de 2020, com relação ao mesmo período de 2019, a economia cearense apresentou uma retração de 14,55% (Tabela 3.1). No resultado do acumulado do ano, no qual refere-se ao primeiro semestre de 2020, observa-se uma queda de 7,58%, enquanto no acumulado dos últimos quatro trimestres verifica-se um decréscimo de 2,72%. Segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), a previsão de crescimento do PIB do Ceará para o ano de 2020 é de uma queda de 4,35%.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do segundo trimestre de 2020 com o mesmo período de 2019, a Agropecuária apresentou um aumento de 18,88%. Para o período de análise, a Indústria apresentou uma forte retração de 33,05%, enquanto o setor de serviços caiu 13,68%.

Tabela 3.1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 2º Trim.2019 a 2º Trim. 2020 (\*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2019 (**)	3º Trim. 2019 (**)	4º Trim. 2019 (**)	1º Trim. 2020 (**)	2º Trim. 2020 (**)	Acumulado no ano (**)	Acum. 4 últimos Trim (***)
<b>Agropecuária</b>	<b>-3,68</b>	<b>-0,63</b>	<b>7,57</b>	<b>0,70</b>	<b>18,88</b>	<b>12,16</b>	<b>6,17</b>
<b>Indústria</b>	<b>3,42</b>	<b>3,31</b>	<b>12,14</b>	<b>-0,63</b>	<b>-33,05</b>	<b>-17,08</b>	<b>-6,77</b>
Extrativa Mineral	-10,41	-4,56	-7,39	-9,77	-85,83	-49,27	-17,62
Transformação	4,35	-0,26	3,44	-0,44	-40,96	-21,21	-9,36
Construção Civil	5,53	2,80	7,68	5,20	-20,15	-7,81	-5,79
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,03	12,12	40,40	-8,04	-26,76	-17,18	-0,89
<b>Serviços</b>	<b>1,83</b>	<b>1,57</b>	<b>2,49</b>	<b>-0,13</b>	<b>-13,68</b>	<b>-7,02</b>	<b>-2,63</b>
Comércio	5,61	3,29	5,25	-1,39	-24,01	-13,00	-5,90
Alojamento e Alimentação	1,48	0,83	-0,07	1,14	-12,35	-5,59	0,22
Transportes	3,14	1,02	1,92	0,29	-20,87	-10,27	-2,03
Intermediação Financeira	1,63	1,61	4,61	-0,22	-14,86	-7,75	-4,02
Administração Pública	-0,22	0,81	-0,70	0,13	-6,11	-3,01	-1,14
Outros Serviços	-2,14	-1,66	-1,49	3,31	-2,47	0,42	-1,05
<b>Valor Adicionado (VA)</b>	<b>1,65</b>	<b>1,61</b>	<b>4,46</b>	<b>-0,21</b>	<b>-14,78</b>	<b>-7,70</b>	<b>-2,75</b>
<b>PIB</b>	<b>1,67</b>	<b>1,61</b>	<b>4,27</b>	<b>-0,22</b>	<b>-14,55</b>	<b>-7,58</b>	<b>-2,72</b>

Fonte: IPECE e IBGE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação ao mesmo período do ano anterior;

(\*\*\*) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

A Tabela 3.2 apresenta a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do segundo trimestre de 2020 em relação ao primeiro trimestre de 2020, o PIB do Ceará apresentou um recuo de 13,23%. Na análise dos setores da economia cearense, nesta mesma base de comparação, a Agropecuária apresentou um crescimento de 16,91%, a Indústria caiu 28,76% e o setor de Serviços registrou uma redução de 12,66%. Nenhuma das

atividades que compõem os grandes setores apresentaram expansões. Na Indústria, os destaques negativos foram a Indústria Extrativista (-83,48%) e a Indústria de Transformação (-36,20%). Já para o setor de Serviços, os destaques negativos foram Comércio (20,54%) e Transportes (20,13%).

Tabela 3.2 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Ceará - 2º Trim. 2019 a 2º Trim. 2020 (\*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2019 (**)	3º Trim. 2019 (**)	4º Trim. 2019 (**)	1º Trim. 2020 (**)	2º Trim. 2020 (**)
<b>Agropecuária</b>	<b>-0,35</b>	<b>1,22</b>	<b>10,74</b>	<b>-9,81</b>	<b>16,91</b>
<b>Indústria</b>	<b>2,70</b>	<b>3,52</b>	<b>3,73</b>	<b>-9,88</b>	<b>-28,76</b>
Extrativa Mineral	1,12	5,49	-6,06	-8,12	-83,48
Transformação	3,55	-0,85	0,84	-3,63	-36,20
Construção Civil	3,62	-0,52	2,78	-0,79	-20,74
Eleticidade, Gás e Água (SIUP)	4,31	3,79	25,38	-32,59	-15,02
<b>Serviços</b>	<b>0,90</b>	<b>0,43</b>	<b>1,27</b>	<b>-2,61</b>	<b>-12,66</b>
Comércio	2,70	-1,52	2,51	-4,56	-20,54
Alojamento e Alimentação	-0,17	0,03	0,25	0,99	-13,49
Transportes	-0,03	0,05	1,12	-0,85	-20,13
Intermediação Financeira	0,77	1,40	2,24	-4,41	-13,93
Administração Pública	-0,46	0,93	-0,26	-0,10	-6,63
Outros Serviços	-0,47	-0,34	-0,45	4,53	-5,87
<b>Valor Adicionado (VA)</b>	<b>1,18</b>	<b>1,21</b>	<b>2,34</b>	<b>-4,70</b>	<b>-13,50</b>
<b>PIB</b>	<b>1,19</b>	<b>1,13</b>	<b>2,23</b>	<b>-4,56</b>	<b>-13,23</b>

Fonte: IPECE e IBGE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação ao período imediatamente anterior.

### 3.2 Agropecuária

#### Prognóstico para a quadra chuvosa de 2020

A precipitação pluviométrico no estado do Ceará ocorrida dentro da quadra chuvosa de 2020 (fevereiro a maio: 730,8mm), ficou 21,7% maior do que a Normal do Estado (600,7mm), conforme indicam os dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME)

Tabela 3.3: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas – Mensal de 2019-2020

Mês	Normal (mm)	Observada em 2019 (mm)	Observada em 2020 (mm)	Desvio das chuvas obs. em 2020 com rel. a normal (%)
Janeiro	98,7	109,2	142,0	43,9%
Fevereiro	118,6	172,0	192,2	62,1%
Março	203,4	233,1	275,7	35,5%
Abril	188,0	190,2	181,1	-3,7%
Maio	90,6	76,6	82,9	-8,5%
Junho	37,5	28,0	27,3	-27,2%
<b>Ceará (fev. – mai.)</b>	<b>600,7</b>	<b>674,8</b>	<b>730,8</b>	<b>21,7%</b>

Fonte: FUNCEME.

Comparando o segundo trimestre de 2020 com mesmo período de 2019, observa-se que o volume de chuvas nesse período foi praticamente o mesmo nos dois anos, sendo 295,3mm (2 Trim. 2020) e 295,5mm (2 Trim. 2019). Ressaltando que apenas as macrorregiões do Cariri,

Litoral de Fortaleza, Litoral de Pecém e Maciço de Baurité apresentaram chuvas acima da normal no 2º trimestre de 2020 (Tabela 3.4).

Tabela 3.4: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas, 2º trimestre de 2019 e 2020.

Macrorregião	Normal (mm)	Observada (mm)		Desvio (%)	
		2º trim. 2019	2º trim. 2020	2º trim. 2019	2º trim. 2020
Cariri	262,7	N.I.*	278,7	N.I.*	6,1
Ibiapaba	337,8	N.I.*	251,1	N.I.*	-25,7
Jaguaribana	328,1	N.I.*	284,4	N.I.*	-13,3
Litoral de Fortaleza	501,1	579,9	559,7	15,7	11,7
Litoral de Pecém	375,5	485,7	393,2	29,3	4,7
Litoral Norte	398,9	N.I.*	388,2	N.I.*	-2,7
Maciço de Baurité	440,8	308,8	444,6	-29,9	0,9
Sertão Central e Inhamuns	256,6	196,3	228,2	-23,5	-11,1

Fonte: FUNCEME. \* N.I. - Não informado.

Quanto a capacidade de armazenamento dos reservatórios monitorada pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), verificou-se que no final do 2º Trimestre o volume de água armazenada no estado do Ceará em sua rede de 155 reservatórios foi de 6.496 hm<sup>3</sup>, ou seja, 34,9% de sua capacidade de armazenamento (18.597 hm<sup>3</sup>).

### Produção de grãos - 2020

De acordo com as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE<sup>1</sup> para o estado do Ceará, a produção de grãos estimado no 2º trimestre para o ano de 2020 foi de 789.397 toneladas, 39,81% maior do que a safra obtida no ano de 2019. Entre os fatores que contribuíram para esse incremento na produção estão a expansão da área cultivada com grãos e o ganho de produtividade, principalmente nas culturas do arroz irrigado, milho irrigado, feijão-de-corda 2ª safra e fava. Ressalta-se que a ocorrência de uma boa quadra chuvosa favoreceu a elevação do rendimento médio das culturas de sequeiro, como no caso do arroz, feijão e do milho, além do fato de que neste ano, há uma maior disponibilidade hídrica nos açudes do estado do Ceará, melhorando as condições de plantio irrigado no Estado.

Entre as culturas produtoras de grãos do Ceará, apenas a cultura da mamona apresentou queda na estimativa da produção anual no 2º trimestre de 2020. Os maiores crescimentos foram obtidos pelas seguintes culturas: sorgo (212,50%), milho (46,68%), algodão (45,06%) e a fava (37,82%). Quanto a produção de tubérculos e raízes, de 2019 para 2020 houve uma queda na produção na ordem de 8,02%, influenciado pela redução da produção de mandioca.

<sup>1</sup> As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começam o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

Tabela 3.5: Produção (em ton.) obtida e estimativa de Grãos e outras culturas no Ceará – 2019-2020.

Produção de Grãos	Produção 2019	Produção 2020	Var (%) 2020/2019	Participação Grão - 2020
Milho	429.894	630.578	46,68%	79,88%
Feijão	110.067	127.067	15,45%	16,10%
Arroz	15.877	17.855	12,46%	2,26%
Fava	4.614	6.359	37,82%	0,81%
Sorgo	1.120	3.500	212,50%	0,44%
Algodão	2.288	3.319	45,06%	0,42%
Amendoim	428	578	35,05%	0,07%
Mamona	328	141	-57,01%	0,02%
<b>Grãos</b>	<b>564.616</b>	<b>789.397</b>	<b>39,81%</b>	<b>100,00%</b>
<b>Tubérculos e raízes</b>	<b>733.178</b>	<b>674.343</b>	<b>-8,02%</b>	<b>-</b>

Fonte: IBGE. Nota: (\*) A produção de 2019 e 2020 referem-se à estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE.

### Produção de Frutas

As condições climáticas estão favoráveis para a atividade agrícola cearenses de 2020, indicando uma boa colheita de frutas para esse ano, com crescimento da produção para quase todas as lavouras frutíferas (Tabela 3.6).

Porém, a conjuntura vivenciada pela pandemia do novo coronavírus vem impedindo um crescimento ainda maior da produção de frutas, pois diante das incertezas muitos contratos de vendas externas ainda não foram realizados, causando cautela por parte dos produtores em reparar a produção (terra, semente, adubo). A expectativa é que os contratos ainda sejam fechados a tempo de realizar a venda esse ano. Quanto ao mercado interno a demanda por frutas vem oscilando, mas está conseguindo segurar a produção de frutas visto que houve uma tendência de aumento da demanda e dos preços.

Diante desse cenário, a estimativa para a produção de maracujá e coco-da-baía é de crescimento para 2020, com variações de 27,1% e 10,0%, respectivamente. Também estão com estimativas positivas a produção de castanha de caju (9,0%), melão (7,1%), mamão (4,8%), goiaba (1,3%) e banana (1,0%). Enquanto que a produção de melancia (-6,9%) e laranja (-4,8%) registraram queda no ano de 2020.

Tabela 3.6: Estimativa da Produção de Frutas e Hortaliças (em ton.) no Ceará – 2019-2020

Produção de Frutas	Produção 2019	Estimativa 2020*	Variação (%) 2020/2019
Maracujá	145.102	184.427	27,10
Coco-da-baía **	302.748	333.023	10,00
Tomate	157.060	172.076	9,56
Castanha de caju	87.659	95.558	9,01
Melão	68.866	73.780	7,14
Mamão	118.717	124.402	4,79
Goiaba	19.795	20.054	1,31
Banana	406.338	410.347	0,99
Laranja	8.847	8.421	-4,82
Melancia	50.677	47.171	-6,92

Fonte: IBGE.

Notas: (\*) As quantidades de 2019 e 2020 referem-se as estimativas obtidas pelo LSPA. (\*\*) Produção em mil frutos.

## Pecuária

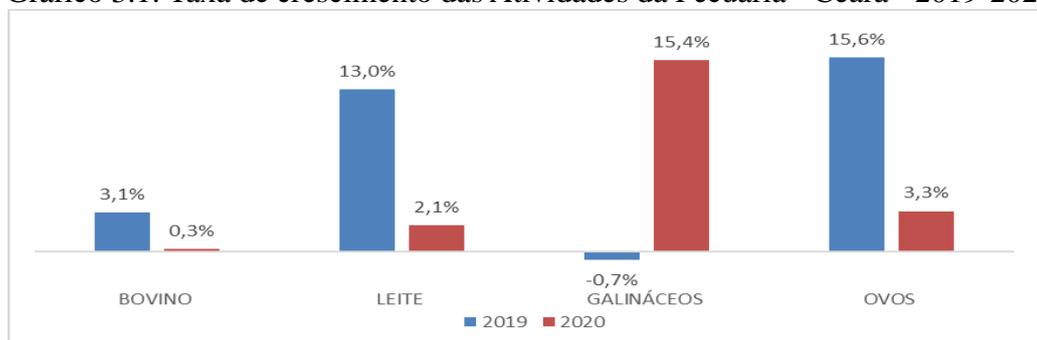
As estimativas no segundo trimestre do ano para as atividades pecuárias cearenses, para o ano de 2020, indicam crescimento maior do que as estimativa do primeiro trimestre do ano, porém, em ritmo menos acelerado para a maioria das atividades, quando comparado com o ano de 2019.

Conforme previsões do IPECE, a produção de leite para 2020 apresenta crescimento de 2,1%, comparado com 2019, variação maior do que a estimada no trimestre anterior, quando foi de 1,5%, porém bem abaixo do registrado no ano passado (13,0%). A produção de ovos também apresentou estimativa de crescimento para 2020 (3,3%), um pouco acima do valor estimado no primeiro trimestre (3,1%).

Quanto a produção de galináceos<sup>2</sup>, a estimativa para 2020 indica crescimento de 15,4%, confirmando a expectativa de uma projeção maior nesse segundo trimestre, devido ao aumento da demanda por carne de frango, condicionada a dois fatores: primeiro o aumento de preço da carne bovina; e segundo pela redução da renda das famílias, visto que muitas pessoas perderam seus empregos em circunstância da crise econômica causada pela pandemia.

Com relação a produção de bovino a estimativa indica variação de 0,3% para 2020, comparado com 2019, o mesmo valor estimado no primeiro trimestre do ano.

Gráfico 3.1: Taxa de crescimento das Atividades da Pecuária - Ceará - 2019-2020



Fonte: IBGE/IPECE

### 3.3 Indústria

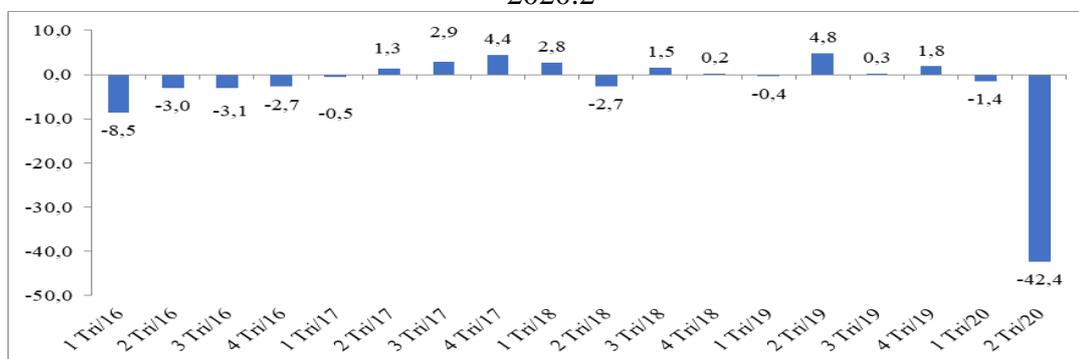
O ano de 2020 já está registrado na história como o ano da pandemia da Covid-19, com todos os seus efeitos humanos, sociais e econômicos sanitária que acometeram o mundo. Neste período, os meses de abril a junho, especificamente, marcam o momento mais severo da pandemia no estado do Ceará e, conseqüentemente, concentram os piores resultados para economia local. Salvo uma drástica mudança na trajetória da pandemia nos próximos meses, o que não é esperado, o segundo trimestre de 2020 deve se posicionar como o pior para atividade industrial cearense em termos de desempenho na história contemporânea.

<sup>2</sup> Os dados de 2019 para galináceos foram revisados e sofreram modificações de correção, indicando que a atividade apresentou leve retração em 2019 quando comparado com 2018, o que causou divergência das estimativas divulgadas na Conjuntura do 4º trimestre de 2019.

De fato, no período em destaque, a indústria de transformação no Ceará apresentou uma retração de 42,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior. O resultado negativo traduz a maior redução observada em um único trimestre em toda a série de dados. Os resultados do primeiro trimestre já sinalizavam os efeitos iniciais da crise sanitária do novo coronavírus sobre a economia cearense. No atual trimestre, registra-se o impacto econômico do período mais agudo da crise, caracterizado pelo seu severo agravamento em especial nos meses de abril e maio.

No Gráfico 3.2 é apresentada a trajetória da evolução da produção nos últimos anos. Nele é possível dimensionar a intensidade dos efeitos perversos sobre a atividade industrial. Os dados comentados constam da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE)

Gráfico 3.2 – Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2016.1 a 2020.2



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Como comentado na edição anterior, os efeitos econômicos da crise sanitária estão associados à adoção de medidas destinadas a reduzir a velocidade de contaminação da população, o que inclui regras de distanciamento social e interrupção de atividades produtivas. No Ceará, tais medidas se iniciaram na metade final do mês de março e se intensificaram nos meses seguintes, de abril e maio. Nesse período, a atividade industrial foi fortemente afetada, com suas operações sendo paralisadas quase que totalmente e assim permanecendo por um longo período. Os efeitos dos meses de abril e maio foram mais intensos, acompanhando o agravamento da crise sanitária, e explicam a forte retração no ritmo de produção.

Nestes meses, a produção industrial apresentou recuos históricos. Na comparação com iguais períodos do ano anterior, as retrações foram, respectivamente, de 53,7% e 51,4%. Já na comparação ajustada sazonalmente, a intensa desaceleração em abril reflete o endurecimento das medidas de controle sanitário em resposta ao aumento da contaminação observada no estado, especialmente em Fortaleza e seu entorno. Em relação ao mês de março, a produção industrial recuou 34,8% no mês de abril. No mês seguinte, as fortes restrições sanitárias se mantiveram e a produção da indústria se apresentou-se estável, com alta de 2,5% em maio na comparação com abril.

O mês de junho merece comentários específicos. Com a melhoria do quadro sanitário diante da efetividade das medidas de controle adotadas nos meses anteriores, o governo estadual iniciou, no mês de junho, um processo de flexibilização destas medidas e uma retomada

gradual das atividades econômicas. De forma faseada, setorial e regionalizada, as atividades produtivas foram retomando a produção gradativamente, especialmente em Fortaleza que apresentava os melhores indicadores sanitários no tocante à pandemia. Neste cenário, os resultados foram relativamente melhores. Na comparação com junho de 2019, a produção industrial continuou a registrar retração, com queda de 21,8%, uma taxa ainda expressiva, mas muito inferior à observada nos meses anteriores. Já em relação a maio, numa comparação sazonalmente ajustada, a produção industrial cresceu 39,6%, confirmando a aceleração em virtude do processo de retomada.

Ao longo do segundo trimestre, a crise sanitária continuou a afetar os estados brasileiros de modo distinto, em momentos e com intensidade diferentes. Como um dos estados a primeiro sentir mais fortemente os efeitos da pandemia e a adotar as medidas de proteção à saúde, o Ceará apresentou o pior resultado para produção industrial no período. Como consequência, o estado acumulou no primeiro semestre de 2020, uma redução de 22,0% na comparação com o mesmo semestre do ano passado. A retração na indústria cearense é bem superior às médias regional (-9,2%) e do Brasil (-11,9%), reforçando a percepção de efeitos distintos entre as unidades da federação.

Considerando os demais estados, Goiás foi o único a não registrar retração no semestre, mantendo a produção do ano anterior, com uma leve alta de 0,7%. Os estados de Mato Grosso (-0,9%) e Pernambuco (-3,6%) registraram as menores quedas na produção, ao passo que Amazonas (-20,0%) e o Rio Grande do Sul (-15,8%) se juntam ao Ceará como aqueles que apresentaram as reduções mais intensas. Na Tabela 3.7, é possível ver os resultados mensal e acumulado, para os estados pesquisados, para o país e para a região Nordeste.

Tabela 3.7 - Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Abr-Jun/2019 e 2020 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2019)			Acumulado Ano (2019)	Variação Mensal (2020)			Acumulado Ano (2020)
	Abril	Maior	Junho		Abril	Maior	Junho	
<b>Brasil</b>	<b>-0,9</b>	<b>11,7</b>	<b>-4,5</b>	<b>0,3</b>	<b>-31,6</b>	<b>-23,7</b>	<b>-9,8</b>	<b>-11,9</b>
<b>Nordeste</b>	<b>-0,8</b>	<b>8,0</b>	<b>-8,1</b>	<b>-2,3</b>	<b>-33,9</b>	<b>-24,2</b>	<b>-12,8</b>	<b>-9,2</b>
Goiás	-3,8	15,3	-2,7	3,0	-2,1	0,7	6,6	0,7
Mato Grosso	-3,5	7,4	-13,3	-4,1	-9,9	-3,6	13,9	-0,9
Pernambuco	3,4	14,9	-5,8	0,3	-28,3	-13,5	2,8	-3,6
Pará	-5,5	12,8	-3,2	-4,0	-18,8	-16,3	-5,7	-3,9
Bahia	-2,0	13,1	-8,3	-1,7	-26,3	-21,2	-16,1	-7,4
Rio de Janeiro	-13,5	2,9	-9,6	-4,3	-21,2	-16,1	-14,8	-7,5
Paraná	2,2	27,9	-4,1	7,8	-30,7	-18,0	-6,8	-8,6
Minas Gerais	-1,6	13,4	-1,2	2,2	-23,4	-18,2	-8,9	-9,8
Espírito Santo	-6,2	-0,3	-8,3	-5,1	-26,4	-32,3	-19,1	-12,9
São Paulo	-2,3	11,7	-5,3	-0,6	-33,3	-27,1	-11,7	-14,2
Santa Catarina	3,2	20,6	-2,1	4,9	-30,9	-28,7	-12,2	-15,0
Rio Gra. do Sul	5,1	20,2	2,8	7,8	-36,4	-27,3	-11,8	-15,8
Amazonas	3,8	3,7	5,5	-1,0	-58,3	-51,1	-9,9	-20,0
<b>Ceará</b>	<b>5,4</b>	<b>10,3</b>	<b>-1,0</b>	<b>2,1</b>	<b>-53,7</b>	<b>-51,4</b>	<b>-21,8</b>	<b>-22,0</b>

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Estados ordenados pelo acumulado do ano de 2020.

## Resultados Setoriais

Os efeitos econômicos da crise sanitária foram de repercussão geral entre as atividades industriais no Ceará. Nove entre as onze atividades pesquisadas registraram reduções na produção, seja para o trimestre em análise, seja para o acumulado do ano de 2020.

As exceções a este quadro de retração ficam por conta da Fabricação de derivados de petróleo e da Fabricação de alimentos. A primeira registrou uma alta de 38,5% na comparação com o segundo trimestre do ano passado e acumulou na primeira metade de 2020 uma expansão de 38,3% sobre o mesmo período de 2019. Já a Fabricação de alimentos apresentou taxas de crescimento de 7,9% e 7,8% para as mesmas comparações, respectivamente. Uma base de comparação reduzida ajuda a entender a expansão na produção dos derivados de petróleo, ao passo que as mudanças de comportamento motivadas pela pandemia explicam a maior demanda por alimentos industrializados. Importante ressaltar que as expansões observadas também se devem ao fato de que as atividades relacionadas à produção, distribuição e comércio de alimentos e de combustíveis foram consideradas socialmente essenciais, o que evitou a interrupção de suas operações.

Por outro lado, o restante das atividades industriais foi negativamente afetado pela pandemia. Dentre estas, se destacam as intensas reduções experimentadas por atividades relevantes e tradicionais no parque industrial cearense. Estas registram no trimestre quedas superiores a 80% na produção. No semestre, tais atividades produziram menos da metade do que fizeram nos primeiros seis meses de 2019. A atividade de Confecção de artigos do vestuário registrou a maior retração (-85,9%), sendo seguida pela Fabricação de couros e calçados (-83,7%), Fabricação de Têxteis (-82,4%), conforme Tabela 3.8.

Diferentemente das atividades que apresentaram crescimento, estas que registram fortes quedas tiveram, por força das medidas de distanciamento social adotadas pelo governo, suas operações quase que totalmente paralisadas. A interrupção da produção explica números tão expressivos. Na Tabela 3.8, a seguir, estes e outros números são apresentados.

Tabela 3.8 – Variação Trimestral e Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2019 e 2020

Setores	Variação Trimestral					Acumulada	
	2019.2	2019.3	2019.4	2020.1	2020.2	2019	2020
<b>Indústrias de transformação</b>	<b>4,8</b>	<b>0,3</b>	<b>1,8</b>	<b>-1,4</b>	<b>-42,4</b>	<b>2,1</b>	<b>-22,0</b>
Fabr. de coque, de prod. der. do petróleo e de bio.	-15,8	-9,1	-4,3	38,1	38,5	-13,0	38,3
Fabricação de produtos alimentícios	-5,6	-19,5	5,1	7,6	7,9	-3,4	7,8
Metalurgia	-3,9	-7,3	-19,1	-14,0	-15,7	6,5	-14,8
Fabricação de bebidas	11,7	-0,8	9,4	-1,8	-16,2	7,5	-8,6
Fabr. de produtos de minerais não-metálicos	6,1	11,8	7,5	2,3	-17,9	0,3	-8,0
Fabricação de outros produtos químicos	19,3	3,9	12,1	-31,6	-29,9	8,2	-30,8
Fab. de prod. de metal, exceto máq. e equip.	232,6	190,0	38,4	7,4	-34,8	124,9	-14,8
Fab. de máq., aparelhos e mat. elétricos	14,4	-1,9	6,8	-2,3	-80,0	9,2	-39,8
Fabricação de produtos têxteis	-6,3	-15,0	-4,6	-17,1	-82,4	-6,7	-49,6
Prep. couros e fab. art. couro, art. para via. e calç.	7,3	5,3	-7,3	-9,8	-83,7	2,1	-46,8
<b>Confecção de art. do vestuário e acessórios</b>	<b>-2,0</b>	<b>3,8</b>	<b>18,3</b>	<b>0,0</b>	<b>-85,9</b>	<b>-6,7</b>	<b>-46,8</b>

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: (1) Variações trimestrais em relação ao mesmo período do ano anterior. Atividades ordenadas pelo crescimento em 2020.2.

Tem-se no segundo semestre a confirmação da mudança drástica na dinâmica da economia cearense e, em particular, da atividade industrial ao longo do ano. As severas perdas econômicas dos meses de abril a junho estão explicitadas e, de certa forma, já eram esperadas. Os sinais observados ainda no primeiro trimestre estão, agora, confirmados.

A crise sanitária se confirmou relativamente extensa e muito severa. Em resposta, as medidas de distanciamento social se mostraram também intensas, espacial e setorialmente abrangentes, numa tentativa de conter a contaminação. E como esperado, tais iniciativas rebateram fortemente na atividade industrial, a mais prejudicialmente afetada em termos de desempenho.

Se por um lado, o custo em termos econômicos decorrentes da força das medidas de controle sanitário foi intenso, por outro, elas permitiram o retorno das atividades industriais ainda em junho, em um processo planejado e que tem se mostrado robusto. Como dito inicialmente, salvo uma drástica mudança na dinâmica da contaminação, o pior momento deve ter ficado para trás. A atenção agora se volta para restante do ano e a desejada recuperação.

Neste particular, alguns pontos devem ser destacados. Uma primeira questão a ser considerada são os possíveis efeitos estruturais da crise. Como dito no informe anterior, o choque adverso da pandemia ocorre em um cenário cuja recuperação da atividade industrial cearense não se mostra ainda consolidada. Soma-se a isso a destruição de capacidade produtiva diante do fechamento irreversível de vários negócios. Tais elementos podem limitar a recuperação no curto prazo e afetar a trajetória da atividade no médio prazo.

Em termos conjunturais, a retomada em junho deve favorecer a recuperação e isso pode ser potencializado tanto pelo próprio processo de retomada, como pela forma que a pandemia ocorrer nos demais estados brasileiros. Uma vez que o processo de retomada se mantiver, sem interrupções ou retorno das medidas de controle sanitário, a expansão gradativa da produção deve se consolidar. Da mesma forma, se a pandemia afetar de modo menos intenso as outras unidades da federação, mantem-se sem interrupção as relações comerciais do estado, tanto para compra de insumos, como para venda de itens acabados.

Há de se destacar ainda a importância das medidas de apoio adotadas pelos governos local e nacional. Seja na proteção da renda das pessoas, seja na proteção financeira dos negócios, tais medidas devem contribuir para uma recuperação mais rápida. A estas medidas se somam os já comentados ativos da economia cearense existentes antes da pandemia e que permanecem, tais como a própria trajetória positiva da economia no momento pré pandemia, a solidez fiscal do tesouro estadual e os investimentos estruturantes realizados.

De fato, alguma recuperação da economia e da indústria, em particular, devem ocorrer no segundo semestre. A dúvida maior é identificar em qual intensidade tal movimento vai se dar. Os dados do terceiro trimestre devem diminuir tal incerteza.

### 3.4 Serviços (Pesquisa Mensal de Serviços<sup>3</sup>)

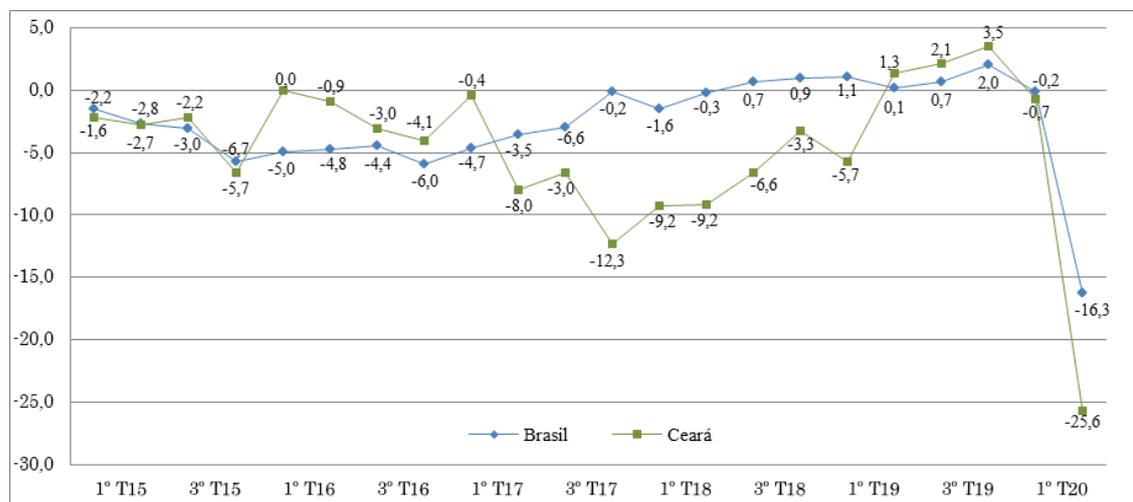
Os dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros do Ceará apresentaram uma expressiva queda de 25,6% no segundo trimestre do ano de 2020, com relação ao segundo trimestre de 2019. Conforme observado já no primeiro trimestre do ano, essas duas quedas encerram o ciclo de recuperação econômica que vinha se iniciando desde o segundo trimestre de 2019.

Esse resultado, assim como a leve queda ocorrida no primeiro trimestre, é resultante dos efeitos da pandemia do Covid-19 que atingiu a economia cearense a partir de meados de março de 2020.

O Gráfico 3.3 também apresenta a forte retração de -16,3% dos serviços empresariais não-financeiros do Brasil bem como o leve recuo de -0,2% no primeiro trimestre de 2020, que sinaliza a entrada do país em uma recessão<sup>4</sup>.

Desde o primeiro trimestre de 2017<sup>5</sup> a economia brasileira vinha em um processo de retomada da atividade econômica. No quarto trimestre de 2019 foi registrado um pico encerrando o fim de uma expansão econômica que durou 12 trimestres. Esse efeito reverso está em consonância com as medidas de isolamento social que foram ocasionadas por conta do novo coronavírus a partir de março de 2020.

Gráfico 3.3: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil/Ceará – 2013 a 2020



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

De fato, o Gráfico 3.3 revela que embora o segmento ainda operasse em terreno negativo no ano de 2017 é clara a retomada cíclica tanto no Brasil como no Ceará, embora nesse último

<sup>3</sup> A Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) apresenta cinco grandes grupos, a saber: 1) Serviços Prestados às Famílias; 2) Serviços de Informação e Comunicação; 3) Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares; 4) Transportes, Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio; 5) Outros Serviços. Deve-se frisar que esses segmentos não são iguais aos subsetores daqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas.

<sup>4</sup> Ver Comunicado de junho de 2020 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

<sup>5</sup> Ver Comunicado de outubro de 2017 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

tenha ocorrido um recuo de -5,7% no primeiro trimestre de 2019. Os dois primeiros trimestres do ano de 2020 revelam a forte reversão do segmento, com efeito pronunciados nesse último.

Os dados do Gráfico 3.3 também permitem observar que o segmento apresenta maior defasagem com relação a expansão e contração dos ciclos econômicos na medida em que seus indicadores não respondem prontamente a recuperação e queda imediata na economia.

Esse processo foi observado na forte recessão econômica iniciada no segundo trimestre de 2014<sup>6</sup>, quando o segmento ainda apresentava taxas positivas nesse período, com retração apenas a partir de 2015. Por sua vez, na retomada da economia no início de 2017, principalmente no Ceará, o segmento segue com taxas negativas. Por outro lado, diante a pandemia do novo coronavírus os impactos no segmento foram imediatos e profundos.

O Gráfico 3.4 apresenta os dados de forma desagregada da evolução do segundo trimestre de 2020 dos cinco segmentos que compõem o setor de serviços empresariais não-financeiros da Pesquisa Mensal dos Serviços do Ceará e do Brasil. No caso, apenas os outros serviços do Ceará cresceram 6,1%; os demais tiveram queda.

Como observado, os serviços prestados às famílias foi o segmento com maior queda ao registrar recuo de -64,1% no Ceará e -61,5% no Brasil (no primeiro trimestre o segmento havia também recuado -13,2% e -10,1%, respectivamente). Parte do segmento inclui serviços de alojamento, restaurante e bufê, atividades fortemente atingidas com as medidas de isolamento social, o que explica a profunda queda do segmento.

Outro segmento fortemente atingido foram os serviços profissionais, administrativos e complementares, no qual apresentaram queda de -44,8% no Ceará e -17,8% no Brasil. Por ser um segmento ligado a diversas cadeias produtivas industriais além de fazer parte do deslocamento de pessoas e escoamento e distribuição de produção também teve forte efeito reverso diante do distanciamento social e paralisação das atividades econômicas.

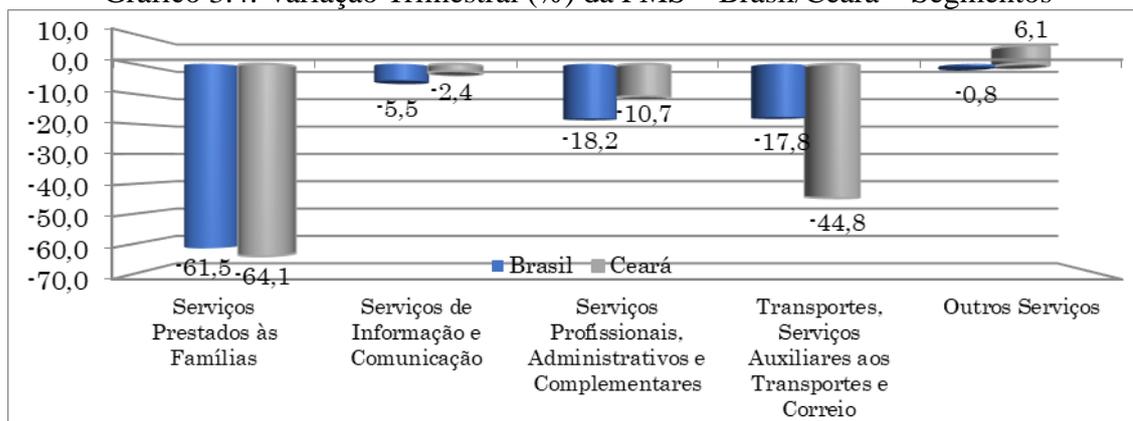
Os serviços profissionais, administrativos e complementares também apresentaram forte queda de -10,7% no Estado do Ceará e -18,2% no Brasil. Por ser um segmento que comporta algumas atividades econômicas de empresas que envolvem contratos de serviços como, por exemplo, atividades jurídicas e contábil, além de empresas nas atividades de arquitetura e engenharia e agências de viagens, foi um setor que recuou mediante o isolamento social e arrefecimento do fluxo da economia.

No que corresponde aos serviços de informação e comunicação, intensivo em capital e ligado a modernização da economia, apresentou a menor retração entre os que tiveram queda. É possível que resultados não tenham tido efeitos no planejamento do setor e, portanto, surtido efeitos de longo prazo.

---

<sup>6</sup> Ver Comunicado de agosto de 2015 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

Gráfico 3.4: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil/Ceará – Segmentos



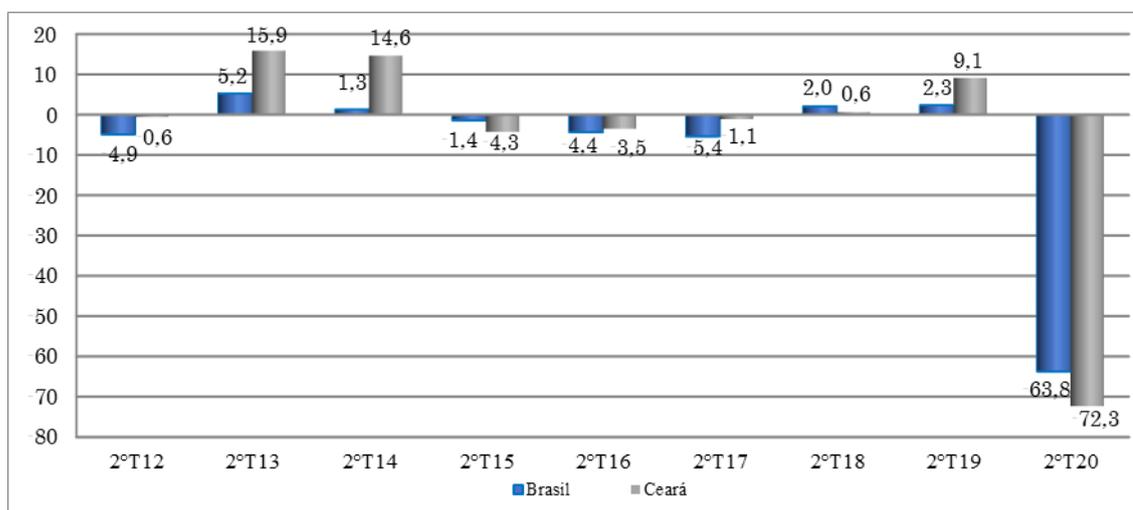
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 3.5 apresenta a evolução de toda a série histórica de cada segundo trimestre a partir de 2012 do Índice de Atividades Turísticas (IATUR) para se ter uma dimensão da queda no segmento.

Nos anos da crise econômica de 2015-2016, bem como em 2012, o segmento apresentou queda no trimestre. Nos demais anos, principalmente no Estado do Ceará, o setor apresentou desempenho positivo, o que evidencia a pujança do setor nesse período.

No entanto, nesse segundo trimestre de 2020 a queda foi vertiginosa e bem distinta dos demais recuos: 72,3% no Ceará e 63,8% no Brasil. Tal magnitude parece refletir efeitos resultantes por conta da pandemia da Covid-19.

Gráfico 3.5: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil/Ceará – Índice de Atividades Turísticas



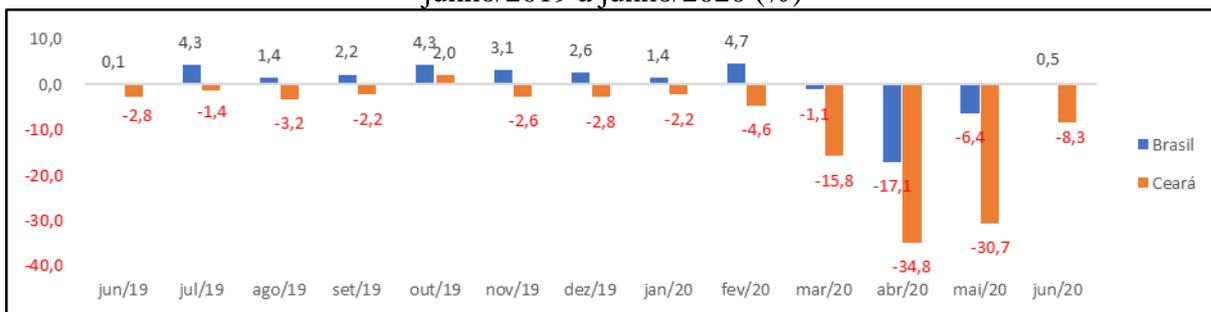
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

## Comércio Varejista

A partir dos dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é possível observar que o varejo comum nacional registrou queda nos meses de abril (-17,1%) e maio (-6,4%), mas voltou a registrar alta, mesmo que pouco expressiva, em junho (+0,5%), todos na comparação com iguais meses

do ano passado. Por sua vez, o varejo comum cearense registrou quedas sucessivas de 34,8%, em abril, 30,7%, em maio e de 8,3% em junho de 2020. Nota-se pelo exposto que o varejo estadual apresentou quedas muito mais expressivas na comparação com o varejo nacional resultando em perda de participação. A principal explicação para esse desempenho negativo nas vendas do varejo estadual recai sobre as medidas de isolamento social iniciadas em meados de março e que foram intensificadas nos meses de abril e maio do presente ano.

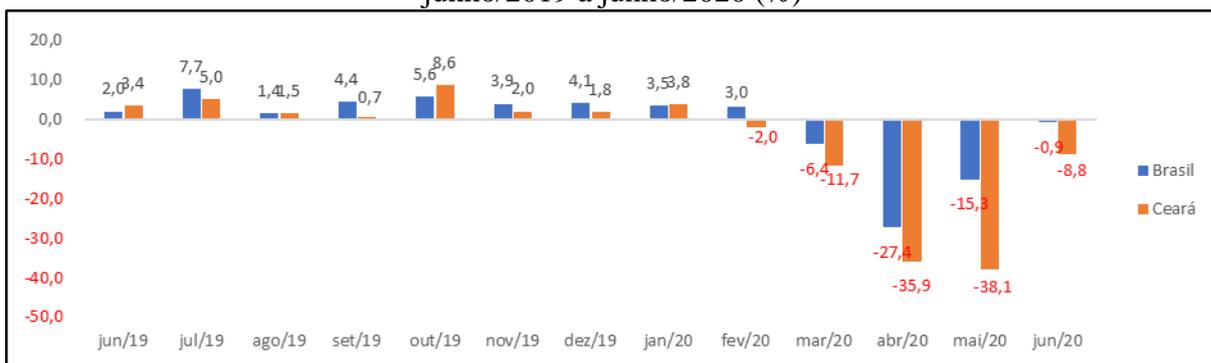
Gráfico 3.6 – Evolução mensal da variação das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – junho/2019 a junho/2020 (%)



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Na sequência o Gráfico 3.6 apresenta os resultados mensais das vendas do varejo ampliado que inclui além das atividades que compõem o varejo comum, as vendas de veículos e peças e de materiais de construção. A partir da análise do gráfico é possível concluir que o varejo ampliado nacional e estadual sentiram ainda mais os efeitos das medidas de restrição econômica adotada em vários estados e, em particular, no estado do Ceará, registrando queda expressiva de 27,4% no mês de abril no Brasil e queda de 38,1% no mês de maio no estado do Ceará.

Gráfico 3.7 – Evolução mensal da variação das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – junho/2019 a junho/2020 (%)



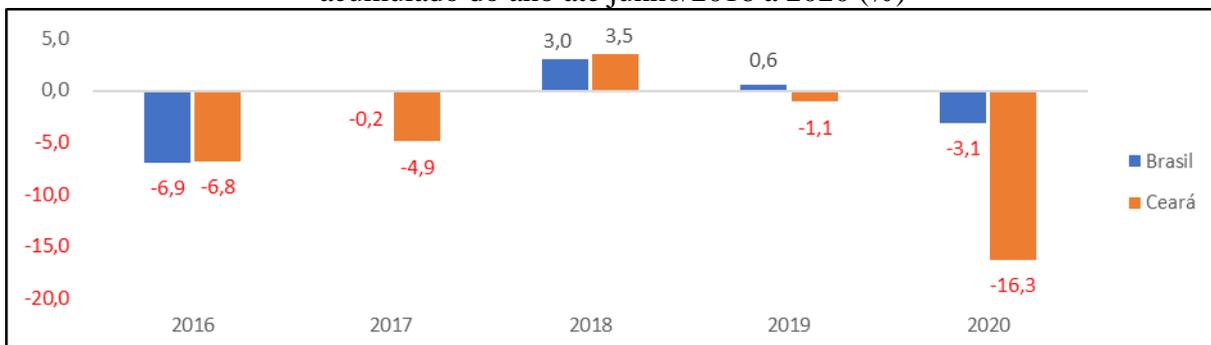
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

### Evolução das Vendas Anuais do Varejo Comum e Ampliado

Como resultado do desempenho mensal, as vendas do varejo comum nacional registraram queda acumulada até junho de 2020 de 3,1% e o varejo comum estadual queda de 16,3%, ambos na comparação com o mesmo período de 2019. Vale destacar que neste período de 2019, o varejo comum nacional tinha apresentado alta de 0,6% e o varejo comum estadual queda de apenas 1,1%, revelando que o desempenho negativo observado em 2020 foi algo realmente surpreendente, nunca observado antes na pesquisa realizada pelo IBGE para o

referido período. Mesmo num ano de forte crise macroeconômica ocorrida no ano de 2016, a queda observado no varejo comum nacional foi de 6,8%.

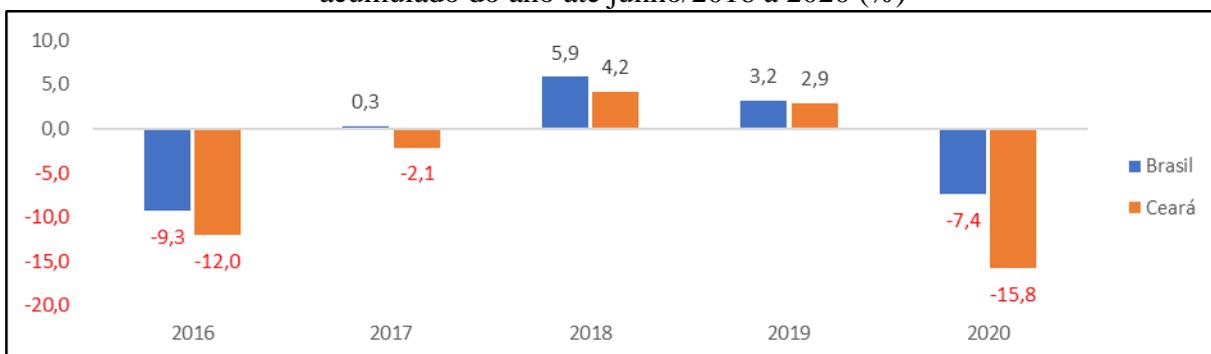
Gráfico 3.8 – Evolução da variação das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – acumulado do ano até junho/2016 a 2020 (%)



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

O varejo ampliado mostrou também resultados negativos tanto para o Brasil que apresentou queda no acumulado do ano até junho de 7,4%, quanto para o varejo ampliado cearense que apresentou baixa de 15,8%, também superior a queda registrada de 12,0% observado em 2016. O desempenho negativo nesta magnitude já era esperado haja vista as medidas expressivas de isolamento social adotadas especialmente no estado do Ceará, na tentativa de conter a propagação da COVID-19 (Gráfico 3.9).

Gráfico 3.9 – Evolução da variação das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – acumulado do ano até junho/2016 a 2020 (%)

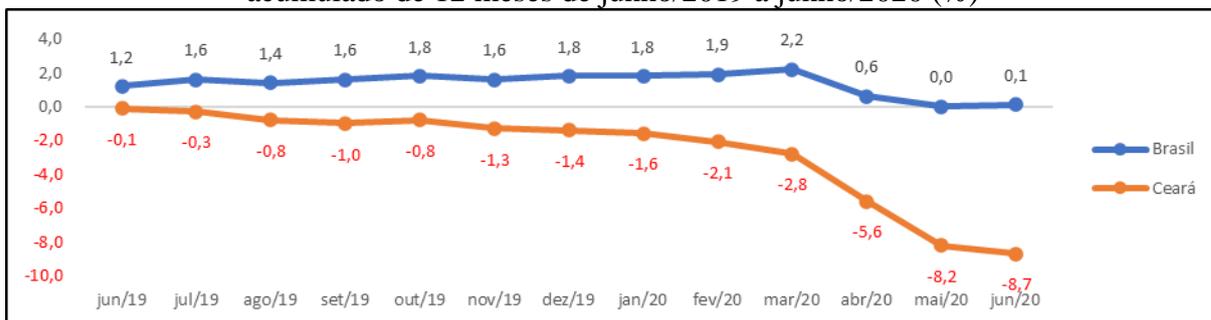


Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

### **Evolução das Vendas Acumuladas em 12 Meses do Varejo Comum e Ampliado**

A análise dos Gráficos 3.10 e 3.11 permite capturar de maneira mais fácil a queda ocorrida nas vendas do varejo comum e ampliado do país e do estado do Ceará. A variação acumulada em 12 meses das vendas do varejo nacional saiu de uma alta de 2,2% até março de 2020, para uma alta de apenas 0,1% até junho de 2020. Enquanto isso, a variação acumulada em 12 meses das vendas do varejo estadual saiu de uma queda acumulada até março de 2020 de 2,8% para uma queda acumulada de 8,7% até junho do mesmo ano.

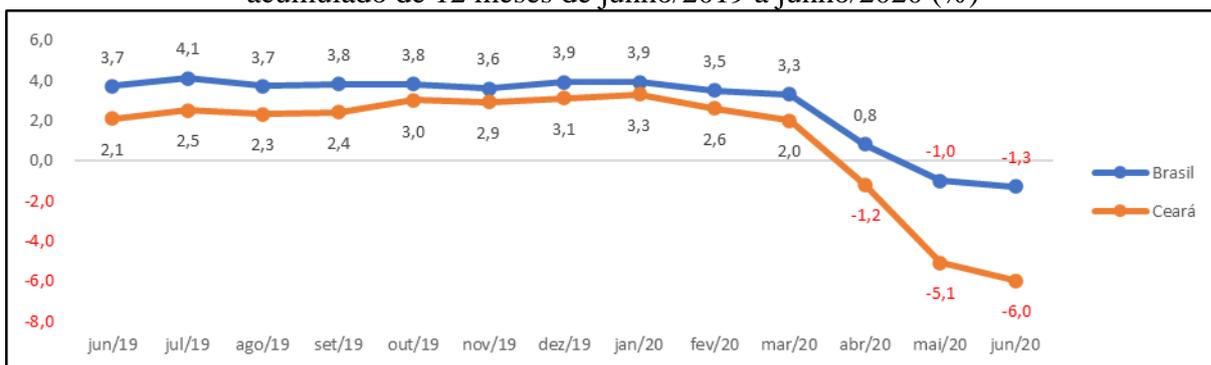
Gráfico 3.10 – Evolução da variação das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – acumulado de 12 meses de junho/2019 a junho/2020 (%)



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Em relação ao varejo ampliado, a variação acumulada em 12 meses das vendas nacional saiu de uma alta de 3,3% até março de 2020, para uma queda acumulada de 1,3% até junho do mesmo ano. Enquanto isso, as vendas acumuladas em 12 meses do varejo ampliado estadual saíram de uma alta de 2,0% até março para uma queda expressiva de 6,0% até junho de 2020 (Gráfico 3.10).

Gráfico 3.11 – Evolução da variação das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – acumulado de 12 meses de junho/2019 a junho/2020 (%)



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

## Evolução das Vendas do Varejo por Atividades

Pela análise da Tabela 3.9 é possível conhecer a variação mensal do volume de vendas do comércio varejista por atividades no Brasil e no Ceará para os meses de janeiro a junho do ano de 2020. Em janeiro de 2020, das treze atividades que formam o varejo estadual, sete apresentaram variação positiva. A partir de fevereiro esse número caiu bastante quando apenas três atividades tiveram alta nas vendas do varejo estadual. Em março, apenas a atividade de Hipermercados e supermercados apresentou variação positiva nas vendas do varejo estadual.

Em abril, foram registradas duas atividades com crescimento, Hipermercados e supermercados e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. Em maio, apenas as atividades que apresentaram alta em abril, mantiveram desempenho positivo. Em junho, como resultado do início das medidas de retomada das atividades econômicas, cinco atividades passaram a registrar alta, Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; Material de construção; Hipermercados, supermercados, produtos

alimentícios, bebidas e fumo; Hipermercados e supermercados; e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos. Por outro lado, as três maiores quedas no mês de junho, foram observadas nas atividades de Livros, jornais, revistas e papelaria (-53,1%); Tecidos, vestuário e calçados (-52,9%) e Eletrodomésticos (-22,1%).

Tabela 3.9 - Variação mensal do volume de vendas do comércio varejista por atividades - Brasil e Ceará - janeiro a junho/2020 (%)

Atividades	Brasil						Ceará					
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Combustíveis e lubrificantes	-0,6	0,4	-9,9	-25,3	-21,6	-16,3	3,7	-2,8	-20,3	-42,7	-39,4	-19,8
Hiper, supermercados, prod. alimentícios, bebidas e fumo	-2,7	4,0	11,0	4,7	9,3	6,4	-7,3	-4,1	-0,7	2,5	5,0	5,0
Hiper e supermercados	-3,0	4,1	12,0	5,8	11,0	8,2	-4,5	-1,8	2,1	6,3	8,1	4,9
Tecidos, vestuário e calçados	2,6	0,8	-39,7	-80,8	-62,7	-44,5	5,9	-9,5	-45,8	-95,4	-90,4	-52,9
Móveis e eletrodomésticos	11,0	11,8	-12,2	-35,7	-8,0	25,6	-0,4	-4,2	-41,7	-85,1	-72,5	-15,1
Móveis	9,8	7,7	-10,8	-40,7	-14,4	21,8	-7,9	-9,7	-48,2	-89,3	-69,9	-4,5
Eletrodomésticos	11,8	12,1	-12,4	-33,3	-4,9	27,7	6,6	1,4	-35,6	-82,0	-73,8	-22,1
Art. farmacêuticos, médicos, orto., de perf. e cosméticos	7,1	7,8	12,0	-9,8	7,5	7,0	-4,9	-5,2	-6,0	-19,6	-9,3	1,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	3,6	-7,5	-33,6	-70,3	-67,1	-39,5	11,2	20,9	-44,1	-94,0	-95,6	-53,1
Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	-6,7	-12,8	-23,2	-45,6	-37,5	-10,0	-12,4	-1,2	-11,1	-48,3	-39,4	15,6
Outros art. de uso pes. e dom.	7,6	8,7	-18,0	-45,2	-19,1	4,4	4,5	-4,9	-28,0	-60,1	-54,7	-5,9
Veículos, moto., partes e peças	9,9	0,0	-21,2	-58,1	-43,4	-13,7	14,8	-1,0	-1,3	-34,4	-53,9	-17,0
Material de construção	2,3	-1,9	-7,5	-21,1	-5,2	22,8	20,5	18,8	-7,5	-49,1	-49,7	13,9

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Por fim, é possível conhecer o valor da variação anual do volume de vendas do varejo nacional e cearense por atividades para o acumulado do ano até junho dos últimos cinco anos conforme informações disponíveis na Tabela 3.10. Nota-se que no ano de 2016, nenhuma atividade do varejo cearense havia registrado crescimento neste período. Em 2017, um total de quatro atividades passaram a registrar variação positiva. No ano de 2018, uma recuperação mais forte desse setor foi observada com oito atividades tendo resultado positivo. Em 2019, as vendas do varejo estadual registraram certa dificuldade com seis atividades passando a registrar alta. Por último, em 2020, apenas duas atividades do varejo cearense registraram crescimento como resultado das medidas de isolamento social adotadas a partir do mês de março.

Tabela 3.10 - Variação anual do volume de vendas do comércio varejista por atividades - Acumulado do ano até junho/2016 a 2020 (%)

Atividades	Brasil					Ceará				
	2016	2017	2018	2019	2020	2016	2017	2018	2019	2020
Combustíveis e lubrificantes	-9,8	-3,5	-6,0	0,5	-12,4	-4,3	-24,8	-3,4	-5,1	-20,0
Hiper., supermercados, prod. alimentícios, bebidas e fumo	-3,4	-0,6	5,4	-0,3	5,4	-3,1	-2,3	4,6	-5,1	0,1
Hiper e supermercados	-3,4	-0,3	5,6	0,2	6,3	-2,3	-8,9	4,4	-6,8	2,6
Tecidos, vestuário e calçados	-11,1	5,7	-2,9	-0,6	-38,9	-2,2	-2,4	-2,0	3,5	-48,3
Móveis e eletrodomésticos	-14,7	5,8	0,6	-1,1	-1,3	-16,3	-17,3	2,3	15,8	-39,1
Móveis	-12,5	-5,6	-3,1	3,4	-4,4	-1,9	-31,1	3,6	-3,0	-39,5
Eletrodomésticos	-15,7	8,8	3,5	-2,8	0,0	-25,6	-6,7	2,9	33,1	-38,4
Art. farmacêuticos, médicos, orto., de perf. e cosméticos	0,2	-0,9	5,7	6,2	5,3	-2,6	9,2	1,0	3,0	-7,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-17,0	-3,7	-8,8	-27,0	-28,7	-25,2	-15,4	-12,3	-15,0	-26,7
Equip. e mat.s para escritório, informática e comunicação	-16,2	-2,4	-0,3	-0,1	-22,9	-17,3	15,3	13,0	-12,7	-17,3
Outros art. de uso pes. e dom.	-12,3	-0,9	7,9	4,4	-10,6	-14,8	3,5	13,0	-2,8	-25,5
Veíc., moto., partes e peças	-13,7	-4,4	16,5	10,9	-21,8	-20,5	0,0	9,8	12,4	-16,4
Material de construção	-13,0	4,6	4,9	3,8	-1,9	-28,4	14,7	-5,4	12,0	-10,2

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

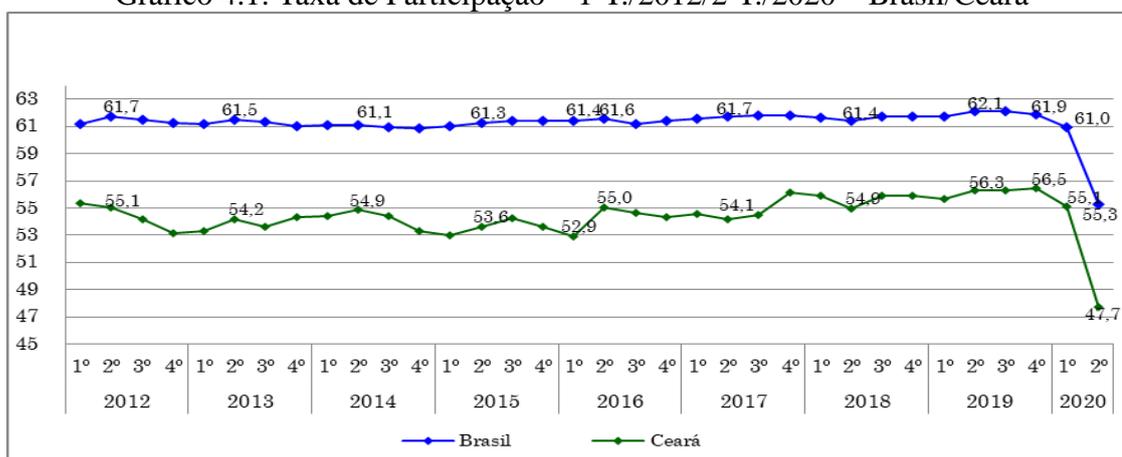
## 4 Mercado de Trabalho

### 4.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

O Gráfico 4.1 e 4.2 apresentam, respectivamente, a taxa de participação e a taxa de desocupação do Estado do Ceará e do Brasil com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

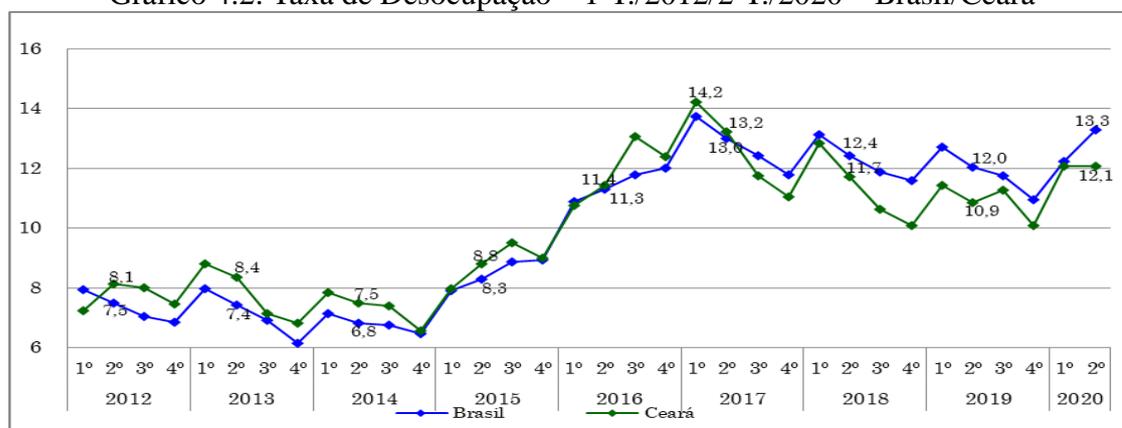
No primeiro trimestre de 2020, a taxa de participação recuou levemente tendo neste segundo trimestre sofrido uma expressiva queda ao registrar uma taxa mínima de 47,7%. O final do primeiro trimestre e grande parte do segundo trimestre de 2020 coincide com as medidas de isolamento social tendo impactos diretos na taxa de participação tanto no Ceará como no Brasil. Por outro lado, a taxa de desocupação do Estado permaneceu estável com relação ao primeiro trimestre do ano. Parte desses efeitos podem ser resultantes da ausência de flexibilidade do mercado de trabalho ou suspensão temporária dos contratos de trabalho.

Gráfico 4.1: Taxa de Participação – 1ºT./2012/2ºT./2020 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: Termômetro do Mercado de Trabalho – 2º Trim./2020 – IPECE.

Gráfico 4.2: Taxa de Desocupação – 1ºT./2012/2ºT./2020 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: Termômetro do Mercado de Trabalho – 2º Trim./2020 – IPECE.

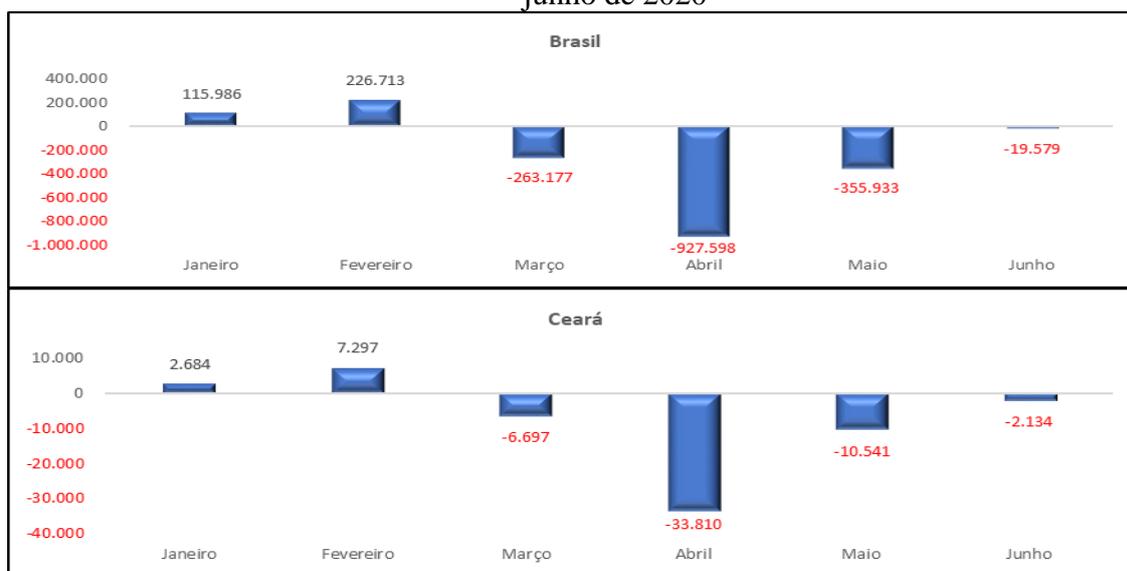
## 4.2 Emprego Formal

O objetivo da presente seção é apresentar a evolução do saldo de empregos formais dos meses de janeiro a junho de 2020 com base nos dados divulgados pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia para o Brasil e Estados.

Nota-se, conforme pode ser observado no Gráfico 4.3, que a dinâmica mensal do emprego apresentada pelo estado do Ceará foi semelhante àquela registrada pelo país ao longo dos seis primeiros meses do ano de 2020.

Em janeiro, enquanto o País criou 115.986 vagas, o Ceará criou 2.684 vagas. Em fevereiro, o Brasil criou 226.713 vagas e o Ceará 7.297 vagas. Já em março, como resultado das primeiras medidas de isolamento social, o país destruiu 263.177 vagas de trabalho formal e o Ceará 6.697 vagas. Em abril foi registrado valores recordes de destruição de vagas de emprego formais tanto no Brasil (-927.598 vagas) quanto no Ceará (-33.810 vagas), resultado das medidas mais intensas de isolamento social o que resultou em forte retração da economia o que se traduziu no desaparecimento de postos de trabalho.

Gráfico 4.3 – Evolução do saldo mensal de empregos formais - Brasil e Ceará – janeiro a junho de 2020



Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME. Elaboração: IPECE. \*Série com ajuste.

No mês de maio, o movimento de destruição de vagas de empregos formais continuou de modo menos intenso com o Brasil fechando 355.933 vagas e o Ceará, 10.541 vagas. Como resposta do relaxamento das medidas sociais adotadas ainda de forma parcial em junho o Brasil apresentou uma destruição de 19.579 vagas e o Ceará um total de 2.134 vagas perdidas.

A partir deste resultado foi possível observar que as medidas de enfrentamento da pandemia provocada pelo novo corona vírus teve efeitos diretos sobre o nível de atividade econômica em todo o país cujos resultados foram sentidos principalmente no mercado de trabalho.

## Empregos Formais no Contexto Nacional

Pela análise da Tabela 4.1 abaixo, é possível conhecer a dinâmica do saldo mensal de empregos formais de todos os estados brasileiros entre os meses de janeiro a junho de 2020. A partir da análise desta tabela é possível perceber que as medidas de isolamento social afetaram o mercado de trabalho em todos os estados, mas em diferentes magnitudes.

Tabela 4.1 – Evolução do saldo mensal de empregos formais – Brasil e Estados – janeiro a março de 2020

Estados	Estoque 1º de Janeiro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Acumulado do Ano	Estoque 31º de Junho
Mato Grosso	715.245	9.604	3.990	-2.807	-13.018	-1.571	6.614	2.812	718.057
Acre	78.935	416	930	235	-422	33	74	1.266	80.201
Roraima	55.066	346	706	206	-1.208	-403	5	-348	54.718
Mato Grosso do Sul	515.005	1.820	5.987	98	-7.701	-2.519	1.241	-1.074	513.931
Tocantins	189.811	208	1.470	-65	-2.806	-1.237	1.166	-1.264	188.547
Amapá	69.731	-51	-37	-311	-904	-245	64	-1.484	68.247
Maranhão	480.392	379	2.362	-1.416	-6.298	-1.481	3.862	-2.592	477.800
Rondônia	238.093	-71	1.270	-869	-4.992	-1.182	732	-5.112	232.981
Goiás	1.227.176	7.982	11.584	-2.055	-21.489	-5.656	3.894	-5.740	1.221.436
Pará	735.214	859	4.295	-2.160	-10.362	-2.906	4.347	-5.927	729.287
Piauí	298.021	39	1.159	-575	-6.323	-3.633	37	-9.296	288.725
Sergipe	284.925	158	-1.893	-2.989	-5.304	-3.644	-764	-14.436	270.489
Amazonas	414.226	1.111	1.843	-3.338	-9.560	-5.006	-707	-15.657	398.569
Rio Grande do Norte	427.616	-959	-1.756	-2.238	-9.308	-3.507	1.550	-16.218	411.398
Paraíba	414.436	-2.571	-3.150	-1.063	-9.067	-3.689	-83	-19.623	394.813
Distrito Federal	804.511	1.214	6.191	-9.253	-16.619	-5.108	-2.562	-26.137	778.374
Espírito Santo	731.275	259	3.580	-4.391	-19.020	-7.433	-314	-27.319	703.956
Alagoas	353.471	-5.285	-8.471	-5.763	-7.834	-2.539	807	-29.085	324.386
Ceará	1.141.629	2.684	7.297	-6.697	-33.810	-10.541	-2.134	-43.201	1.098.428
Paraná	2.654.560	17.932	28.720	-13.277	-59.022	-25.012	2.447	-48.212	2.606.348
Santa Catarina	2.079.445	29.207	20.761	-7.695	-76.797	-23.916	3.301	-55.139	2.024.306
Bahia	1.712.710	2.284	8.258	-15.495	-36.147	-18.230	-2.839	-62.169	1.650.541
Pernambuco	1.240.897	-492	-335	-28.533	-27.254	-7.704	-3.407	-67.725	1.173.172
Rio Grande do Sul	2.512.881	13.109	23.261	-14.569	-78.481	-34.076	-5.531	-96.287	2.416.594
Minas Gerais	4.082.230	4.436	27.188	-18.726	-95.214	-36.552	782	-118.086	3.964.144
Rio de Janeiro	3.267.885	-11.311	2.215	-32.664	-89.453	-38.250	-17.804	-187.267	3.080.618
São Paulo	12.084.237	42.247	78.788	-87.417	-279.400	-110.696	-16.195	-372.673	11.711.564

Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME. Elaboração: IPECE. Ordenado pelo acumulado do ano. \*Série com ajuste.

Para se ter uma ideia, no mês de abril, nenhum estado registrou criação de vagas formais de emprego, situação bem diferente do período antes das medidas de isolamento social quando vários estados apresentaram criação de vagas de emprego, a exemplo dos meses de janeiro e fevereiro quando um total de vinte e um estados criaram vagas de trabalho formais.

Em maio, apenas o estado do Acre apresentou geração de empregos, mas de forma bastante tímida. Por fim, em junho, mês em que ocorreu o início de um processo de gradual retomada de várias atividades econômicas, as vagas de empregos voltaram a ser criadas em dezesseis estados.

Os cinco estados que mais geraram vagas de trabalho foram: Mato Grosso (+6.614 vagas); Pará (+4.347 vagas); Goiás (+3.894 vagas); Maranhão (+3.862 vagas) e Santa Catarina (+3.301 vagas). Por outro lado, os cinco estados que mais destruíram vagas de trabalho formal em junho foram: Rio de Janeiro (-17.804 vagas); São Paulo (-16.195 vagas); Rio Grande do Sul (-5.531 vagas); Pernambuco (-3.407 vagas) e Bahia (-2.839 vagas). O estado do Ceará foi o sétimo estado a registrar a maior destruição de vagas no país no referido mês num total de 2.134 vagas.

Mesmo diante a recuperação observado em junho, apenas dois estados, Mato Grosso e Acre, apresentaram saldos positivos de empregos no acumulado do ano até junho de 2020. O estado do Ceará registrou o nono maior saldo negativo de empregos formais, tendo destruído no ano um total de 43.201 vagas formais de emprego.

## Saldo de Empregos Formais por Atividades Econômicas

Pela análise da Tabela 4.2 é possível observar a dinâmica mensal dos empregos formais por grandes atividades e também por atividades econômicas mais detalhada.

A atividade de serviços foi a que mais destruiu vagas formais de trabalho em abril de 2020 num total de 18.462 vagas, seguido pela Indústria com 15.135 vagas e a Agropecuária com 213 vagas. Em maio, estas três atividades registraram novamente saldos negativos de empregos, novamente liderado pelos Serviços. Por outro lado, em junho, registrou-se um saldo positivo de empregos na Agropecuária e na Indústria, acompanhado ainda de um saldo negativo na atividade de Serviços.

O grande responsável pelo saldo positivo da Indústria foi a Construção civil que gerou 1.923 vagas. Esta atividade entrou em funcionamento já na primeira etapa do Plano de Retomada das Atividades Econômicas do Governo do Estado do Ceará. Contudo, a Indústria de Transformação registrou saldo negativo pelo quarto mês consecutivo.

Apenas a atividade de formação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas apresentou saldo positivo de emprego dentro do grupo dos Serviços. As atividades de Transporte, armazenagem e correio (-2.134 vagas) e Comércio (-1.487 vagas) continuaram registrando forte destruição de postos de trabalho formal, refletindo a enorme dificuldade vivida por várias subclasses que formam estas atividades.

Tabela 4.2 – Evolução do saldo de empregos formais por atividades - Ceará – janeiro a junho de 2020

Atividades	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
<b>Agropecuária</b>	<b>-289</b>	<b>-442</b>	<b>-494</b>	<b>-213</b>	<b>-200</b>	<b>390</b>
<b>Indústria</b>	<b>2.456</b>	<b>2.704</b>	<b>-3.483</b>	<b>-15.135</b>	<b>-3.650</b>	<b>588</b>
Indústrias Extrativas	27	1	-20	-64	-14	13
Indústrias de Transformação	1.468	1.226	-2.201	-11.552	-2.908	-1.184
Construção	834	1.337	-1.129	-3.446	-703	1.923
Água, Esg., Ativ. de Gestão de Res. e Descontaminação	102	119	-143	-57	-24	-157
Eletricidade e Gás	25	21	10	-16	-1	-7
<b>Serviços</b>	<b>517</b>	<b>5.035</b>	<b>-2.720</b>	<b>-18.462</b>	<b>-6.691</b>	<b>-5.246</b>
Comércio	-2.188	53	-1.390	-8.041	-2.613	-1.487
Alojamento e alimentação	288	285	-2.816	-4.544	-1.720	-662
Inf., com. e ativ. Fin., imob., prof. e administrativas	787	1.734	1.011	-2.976	-487	483
Transporte, armazenagem e correio	-32	155	-322	-1.042	-1.712	-2.134
Adm. Púb., defesa, seg.e social, educ., saúde humana e serv. sociais	586	2.510	1.013	-363	435	-496
Outros serviços	1.075	302	-206	-1.498	-592	-177
Serviços domésticos	1	-4	-10	2	-2	-773

Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME. Elaboração: IPECE. Ordenado pelo acumulado do ano.

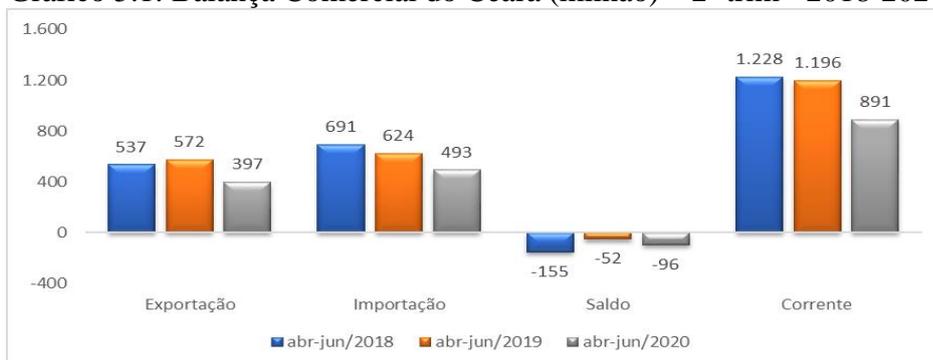
\*Série com ajuste.

## 5 Comércio Exterior

O comércio exterior cearense no segundo trimestre de 2020 sentiu os efeitos da crise mundial causada pela pandemia do novo coronavírus, registrando o menor valor das transações comerciais internacionais desde o segundo trimestre de 2016. Vale ressaltar que a taxa de câmbio apresentou aumento nominal de mais de 30% nesse ano, estando no maior patamar de valor desde a implantação do Real. Esse aumento do câmbio já está influenciando nas negociações internacionais.

Mesmo com o Real desvalorizado as exportações cearenses no segundo trimestre de 2020 foi de US\$ 397 milhões. Comparado com 2019 as exportações do período em análise registrou queda de 30,55%, reflexo da crise que afetou tanto a oferta como a demanda de bens. O valor das importações cearenses no segundo trimestre de 2020 foi de US\$ 493 milhões, queda de 20,87% com relação ao mesmo período de 2019. As importações foram afetadas pela recessão econômica e pela alta do câmbio que causa maior custo para os importadores. O saldo da balança comercial foi negativo (US\$ 96 milhões) e a corrente de comércio somou o valor de US\$ 891 milhões, redução de 25,5% comparado com o segundo trimestre de 2019 (Gráfico 5.1).

Gráfico 5.1: Balança Comercial do Ceará (milhão) – 2º trim - 2018-2020



Fonte: COMEXSTAT. Ministério da Economia. Elaboração: IPECE

No primeiro semestre de 2020 as exportações cearenses correspondeu ao valor de US\$ 952 milhões, redução de 15,7% comparado com o primeiro semestre de 2019, enquanto que as importações foram da ordem de US\$ 1.065 milhões, redução de 2,9% com relação ao igual período. O Ceará encontra-se no 14º lugar no ranking dos estados brasileiros exportadores, com participação de 0,94% do total do país. Pelo lado da importação o estado ocupa o 12º lugar no ranking dos estados brasileiros importadores, com participação de 1,34%. No Nordeste o Ceará é o 3º maior exportador e também o 3º maior importador.

### 5.1 Exportações

As exportações cearenses de produtos metalúrgicos apresentaram redução de 22,95% no segundo trimestre de 2020, com relação a igual período de 2019. Ainda assim esse setor lidera as pauta cearense, com participação de 62,15% e com valor de US\$ 246,8 milhões. O setor

siderúrgico vem sofrendo com a pandemia, com redução da demanda mundial de insumos metalúrgicos de várias atividades, com automobilística e construção civil.

As exportações de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; Produtos da Indústria e alimentos e bebidas; e Castanha de caju* também apresentaram reduções nas vendas externas, com variações de -45,1%, 8,5% e -4,8%, respectivamente. Os setores que também registraram reduções nas exportações foram *Calçados (-75,8%), Ceras vegetais (-34,2%) e Couros e peles (-76,1%)*. As medidas de isolamento e distanciamento social em diversos países fez cair a demanda principalmente de produtos semimanufaturados e manufaturados.

Conforme apresentado na Tabela 5.1, dentre os dez principais setores/produtos exportados pelo Ceará apenas o grupo *Sal, enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento* apresentou aumento no valor exportado (10,8%), impulsionado pelas vendas externas de granito e Magnésia calcinada.

Tabela 5.1: Principais produtos exportados – 2º trimestre – Ceará - 2019-2020

Principais produtos/setores	2º trim 2019		2º trim 2020		Var % 2020/2019
	US\$ (FOB)	Part %	US\$ (FOB)	Part %	
Produtos Metalúrgicos	320.375.451	56,02	246.849.640	62,15	-22,95
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes	60.005.748	10,49	32.930.502	8,29	-45,12
Produtos Ind. de alimentos e bebidas	26.491.564	4,63	24.243.768	6,10	-8,48
Castanha de caju	22.312.477	3,90	21.246.508	5,35	-4,78
Ceras Vegetais	20.638.335	3,61	13.570.219	3,42	-34,25
Calçados e suas partes	51.889.429	9,07	12.574.109	3,17	-75,77
Combustíveis minerais e derivados	8.708.861	1,52	6.072.611	1,53	-30,27
Sal, enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	4.447.812	0,78	4.927.263	1,24	10,78
Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos exceto lagosta	5.264.397	0,92	4.108.503	1,03	-21,96
Couros e Peles	14.860.516	2,60	3.554.726	0,89	-76,08
Demais produtos	36.922.398	6,46	27.103.046	6,82	-26,59
<b>Ceará</b>	<b>571.916.988</b>	<b>100,00</b>	<b>397.180.895</b>	<b>100,00</b>	<b>-30,55</b>

Fonte: COMEXSTAT. Ministério da Economia. Elaboração: IPECE

As exportações cearenses do segundo trimestre de 2020 teve como principal destino os Estados Unidos, com o valor de US\$ 181,2 milhões, correspondendo a 45,6% do total exportado pelo Estado. Porém, as exportações para os EUA diminuíram em 39,9% no segundo trimestre de 2020, comparado com o mesmo período de 2019. Os principais produtos vendidos pelo Ceará para esse país foram: *Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores; castanha de caju; e água de coco*.

O segundo maior destino das exportações do Ceará foi a China, com participação de 17,9%. O valor exportado para o esse país somou US\$ 71,9 milhões, com crescimento bastante expressivo quando comparado com o segundo trimestre de 2019, explicado pelo aumento das vendas *de produtos de ferro e aço, Ceras vegetais e Outros minérios de manganês e seus concentrados*. O México foi o terceiro maior destino das exportações cearenses, com valor de aproximadamente US\$ 34,0 milhões, para lá seguiu-se principalmente *Produtos de ferro e aço, Castanha de caju e Ceras vegetais*.

O Canadá é um destino que o mercado cearense vem ganhando espaço com as vendas externas, registrando crescimento de 27,5% no segundo trimestre do ano corrente comparado com o mesmo período do ano passado. Para lá seguiu principalmente *Produtos de ferro e aço; e Castanha de caju*.

Tabela 5.2: Principais Destinos das Exportações do Ceará - 2º trimestre 2019-2020

Principais Países	2 trim 2019		2 trim 2020		Var (%) 2020/2019
	US\$ (FOB)	Part %	US\$ (FOB)	Part %	
Estados Unidos	301.582.947	52,73	181.165.479	45,61	-39,93
China	9.408.675	1,65	71.040.833	17,89	655,06
México	73.610.833	12,87	33.943.004	8,55	-53,89
Canadá	18.207.518	3,18	23.220.930	5,85	27,53
República Tcheca	41.189.891	7,20	12.040.705	3,03	-70,77
Demais países	127.917.124	22,37	75.753.313	19,07	-40,78
<b>Ceará</b>	<b>571.916.988</b>	<b>100,00</b>	<b>397.164.264</b>	<b>100,00</b>	<b>-30,56</b>

Fonte: COMEXSTAT. Ministério da Economia. Elaboração: IPECE

## 5.2 Importações

No segundo trimestre de 2020 o Ceará reduziu as importações de *Combustíveis minerais e seus derivados* em quase 68%, comparado com o segundo trimestre de 2019. Ainda assim este setor lidera a pauta importadora do Ceará, com valor de US\$ 92,1 milhões e participação de 18,7%. Também apresentaram redução no valor importado no período analisado os *Produtos da indústria química* (-25,2%), com valor de US\$ 48,7 milhões; e *Produtos Metalúrgicos* (-27,3%), com valor de US\$ 40,7 milhões. As importações desses setores são insumos destinados para a indústria cearense, mas com a pandemia as fábricas tiveram que reduzir o quadro de funcionários, ou até mesmo pararam suas produções, afetando fortemente a produção industrial.

Já os setores de Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos tiveram crescimento nas importações de 123,3% e 95,0%, respectivamente. Esses segmentos são, em geral, bens de capital, indicando que nesse período muitas empresas importaram bens para investir em suas fábricas e/ou outros empreendimentos.

Outro destaque foi a importação de *Instrumentos e aparelhos de óptica; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios* que cresceu 190,9%. Dentro desse grupo está a importação de Aparelhos de oxigenoterapia, que foram comprados pelo Governador do Estado. Destaque também para a importação de *Cereais* que apresentou aumento de 16,2% no segundo trimestre de 2020, comparado com igual período do ano anterior. Para esse ano o trigo foi o único produto importado desse grupo, corroborando com a tendência de aumento de consumo de massa nesse período da pandemia, quando as famílias estavam em isolamento social e consumindo mais alimentos em casa.

Também tiveram grandes aumentos na importação *Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes* (572,2%), com destaque para o produtos Fibras de carbono, para usos não elétricos; e *Óleo de dende* (119,7%) (Tabela 5.3).

Tabela 5.3: Principais produtos importados pelo Ceará - 2º trimestre 2019-2020

Principais produtos/setores	2 trim 2019		2 trim 2020		Var (%) 2020/2019
	US\$ (FOB)	Part %	US\$ (FOB)	Part %	
Combustíveis minerais e seus derivados	287.614.052	46,12	92.103.383	18,66	-67,98
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	28.612.681	4,59	63.880.383	12,94	123,26
Cereais	53.296.733	8,55	61.929.766	12,55	16,20
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes	25.270.581	4,05	49.282.688	9,99	95,02
Produtos Ind. Química	65.167.056	10,45	48.751.591	9,88	-25,19
Produtos Metalúrgicos	55.996.868	8,98	40.698.656	8,25	-27,32
Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes	3.708.952	0,59	25.043.591	5,07	575,22
Óleo de Dende	9.404.952	1,51	20.659.338	4,19	119,66
Plásticos e suas obras	16.982.703	2,72	20.078.623	4,07	18,23
Instrumentos e aparelhos de óptica; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios	6.084.138	0,98	17.696.926	3,59	190,87
Demais Produtos	71.505.747	11,47	53.367.400	10,81	-25,37
<b>Ceará</b>	<b>623.644.463</b>	<b>100,000</b>	<b>493.492.345</b>	<b>100,000</b>	<b>-20,87</b>

Fonte: COMEXSTAT. Ministério da Economia. Elaboração: IPECE

As importações cearenses do segundo trimestre de 2020 tiveram origem principalmente dos Estados Unidos com participação de 26,7%, e com valor de US\$ 131,5 milhões, porém registrou queda de -27,9%. O Ceará importou dos Estados Unidos sobretudo Hulha betuminosa e Fibras de carbono. A China foi o segundo país de onde o Ceará mais importou no período analisado (US\$ 107,3 milhões), com crescimento de 23,6% comparado ao segundo trimestre de 2019. Da China veio principalmente Aparelhos de oxigenoterapia. Em seguida aparece Argentina, com crescimento de 15,7%. De lá foi adquirido principalmente *Trigo e Alho*. O aumento das importações oriundas da Dinamarca cresceu em decorrência das compras de Redutores, multiplicadores, caixas de transmissão e variadores de velocidade; e Fibras de carbono

Tabela 5.4: Principais países de origem das importações - Ceará - 2º trimestre 2019-2020

Descrição do País	2 trim 2019		2 trim 2020		Var %
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Estados Unidos	182.395.686	29,25	131.554.845	26,66	-27,87
China	86.805.922	13,92	107.318.291	21,75	23,63
Argentina	47.000.544	7,54	54.379.860	11,02	15,70
Colômbia	42.551.164	6,82	39.720.308	8,05	-6,65
Dinamarca	3.054.802	0,49	36.174.450	7,33	1084,18
<i>Demais países</i>	261.836.345	41,98	124.344.591	25,20	-52,51
<b>Ceará</b>	<b>623.644.463</b>	<b>100,00</b>	<b>493.492.345</b>	<b>100,00</b>	<b>-20,87</b>

Fonte: COMEXSTAT. Ministério da Economia. Elaboração: IPECE

## 6 Finanças Públicas

As contas públicas cearenses, no segundo trimestre de 2020, apresentaram comportamento negativo, quando se compara com idêntico período do ano anterior, dado o quadro de restrições à atividade econômica ocasionada pela crise sanitária do coronavírus. Assim, pode-se observar na Tabela 6.1 que houve uma queda de 13,0% das “Receitas Correntes”, quando se compara o segundo trimestre de 2020 com idêntico período de 2019, dada a significativa redução, de 33,3%, das “Receitas Tributárias”. Já no acumulado do ano constata-se a redução de 7,2% das “Receitas Correntes”, influenciado pelo decréscimo das “Receitas Tributárias”.

Tabela 6.1: Receitas do Governo Estadual no Segundo trimestre de 2019 e 2020  
(R\$1.000,00 de 2º trim. 2020)

Descrição	2º Trim					Acumulado				
	2019		2020		Var (%)	2019		2020		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
<b>Receitas correntes</b>	6.567.766	93,3	5.714.891	81,1	-13,0	13.180.893	93,8	12.230.654	87,0	-7,2
Receita tributária	3.907.889	55,5	2.604.952	37,0	-33,3	7.653.868	54,4	6.335.727	45,1	-17,2
Transferências correntes	2.173.165	30,9	2.504.186	35,6	15,2	4.549.983	32,4	4.870.283	34,6	7,0
Outras receitas correntes	486.711	6,9	605.753	8,6	24,5	977.043	7,0	1.024.645	7,3	4,9
<b>Receitas de Capital</b>	109.174	1,6	1.007.318	14,3	822,7	183.891	1,3	1.212.507	8,6	559,4
Operações de crédito	75.704	1,1	929.771	13,2	1.128,2	130.513	0,9	1.126.845	8,0	763,4
Outras receitas de capital	33.470	0,5	77.548	1,1	131,7	53.378	0,4	85.662	0,6	60,5
<b>Receitas Intraorçamentárias</b>	361.096	5,1	-	-	-100,0	693.318	4,9	298.670	2,1	-56,9
<b>Total Geral</b>	7.038.035	100,0	7.043.901	100,0	0,1	14.058.103	100,0	14.063.523	100,0	0,0
<b>Receita Corrente Líquida</b>	5.438.698	77,3	4.860.311	69,0	-10,6	10.797.466	76,8	10.094.753	71,8	-6,5

Fonte: S2GPR/SEFAZ

Obs: Corrigido pela média do IPCA do segundo trimestre

Deve-se mencionar que parte da queda das “Receitas Tributárias” é decorrente da arrecadação extraordinária de ITCD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação, de Quaisquer Bens ou Direitos) em maio de 2019, cujo valor superou o montante de R\$ 490 milhões, não sendo esperado que se repetisse em 2020.

Quanto as “Transferências Correntes”, cujo principal componente são os recursos do FPE (Fundo de Participação dos Estados), constata-se que, seu desempenho compensou parte da queda das receitas correntes, com crescimento de 15,2%. Deve-se mencionar que esse desempenho deve-se as medidas de auxílio, aos governos estaduais, adotadas pelo poder central, cujas principais medidas foi a garantia de repasses, em 2020, em níveis similares aos de 2019 e a transferência do auxílio emergencial a partir de junho de 2020.

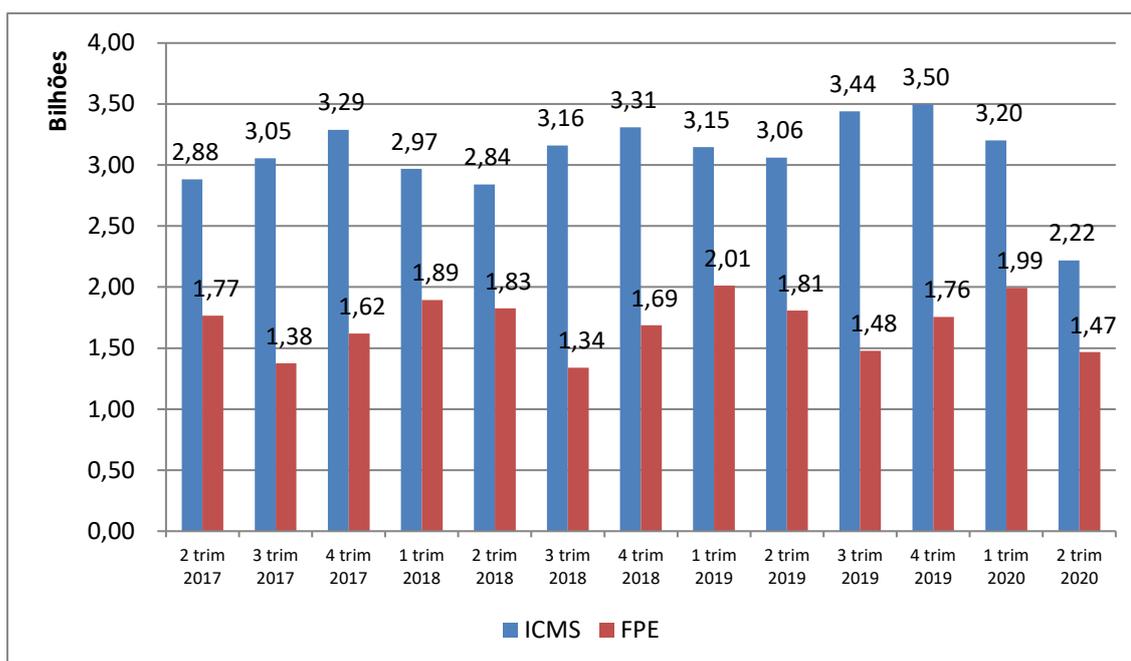
Quanto as “Receitas de Capital” observa-se que elas foram muito superiores aos do segundo trimestre de 2019. Esse comportamento deve-se a liberação de, aproximadamente, R\$ 900 milhões em “Operações de Crédito”, isto é, a contratação de empréstimos pelo Governo do

Estado. Destaque-se que esse comportamento pode ser explicado pelo início de mandato ocorrido no ano de 2019, quando há uma retração dessas operações.

Um último ponto a ser destacado, quanto ao comportamento das receitas, é a redução de 10,6% das ‘Receitas Correntes Líquidas’ entre o segundo trimestre de 2020 e idêntico período do ano anterior. No acumulado do ano também se verifica, embora em menor proporção, decréscimo da RCL em 2020. Esse comportamento da RCL, entre outros motivos, decorre da ausência de receitas extraordinária do ITCO e da crise sanitária mencionadas anteriormente.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 6.1. Como pode ser observado as receitas de ICMS, no segundo trimestre de 2020, foram, aproximadamente, R\$ 800 milhões inferiores as observadas um ano antes, ressaltando-se, mais uma vez, que essa redução deve-se as medidas de isolamento social adotadas em decorrência da crise sanitária.

Gráfico 6.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual (R\$ 2º trim. de 2020)



Fonte: S2GPR/SEFAZ

Com relação ao FPE, o segundo trimestre de 2020 apresentou um decréscimo de R\$ 340 milhões, relativamente ao segundo trimestre de 2018. No acumulado do ano essa redução é de R\$ 360 milhões.

Observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual, é possível constatar, na Tabela 6.2, que as “Despesas Correntes” decresceram sensivelmente no segundo trimestre de 2020, tendo como referência igual período do ano anterior. Destaque-se que, tanto na comparação trimestral como no acumulado do ano houve queda das “Despesas Correntes”.

Deve-se pontuar que essa redução é fortemente influenciada pela “Despesa de Pessoal”, cujo desempenho é decorrente do adiamento do pagamento da primeira parcela do 13º salário dos servidores públicos.

Tabela 6.2: Despesas do Governo Estadual no Segundo trimestre de 2019 e 2020  
(R\$1.000,00 de 2º trim. 2020)

Descrição	2º Trim					Acumulado				
	2019		2020		Var (%)	2019		2020		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
<b>Despesas correntes</b>	5.913.822	89,2	3.601.156	82,5	-39,1	11.157.591	91,0	9.022.164	88,2	-19,1
Pessoal e encargos sociais	3.100.530	46,8	2.019.410	46,3	-34,9	6.129.637	50,0	5.054.584	49,4	-17,5
Juros e encargos da dívida	162.788	2,5	116.098	2,7	-28,7	314.205	2,6	271.826	2,7	-13,5
Outras despesas correntes	2.650.505	40,0	1.465.649	33,6	-44,7	4.713.749	38,4	3.695.753	36,1	-21,6
<b>Despesas de capital</b>	713.594	10,8	761.536	17,5	6,7	1.103.904	9,0	1.210.055	11,8	9,6
Investimentos	417.373	6,3	350.848	8,0	-15,9	557.668	4,5	501.050	4,9	-10,2
Amortizações	255.889	3,9	378.538	8,7	47,9	469.437	3,8	641.805	6,3	36,7
Inversões financeiras	40.332	0,6	32.150	0,7	-20,3	76.799	0,6	67.200	0,7	-12,5
<b>Reserva de contingência</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total geral</b>	6.627.416	100,0	4.362.692	100,0	-34,2	12.261.495	100,0	10.232.218	100,0	-16,5

Fonte: S2GPR/SEFAZ

Obs: Corrigido pela média do IPCA do segundo trimestre

A redução do pagamento de “Juros e encargos Sociais” pode ser uma decorrência das medidas propostas na Lei Complementar nº 173 que, entre outras medidas, regulamentou a possibilidade de adiamento do pagamento de juros de empréstimos contraídos junto a União.

As “Despesas de Capital” apresentam, tanto na comparação trimestral como no acumulado do ano, incremento, superando os 6% no comparativo bimestral e aproximando-se de 10% no acumulado do ano. O Desempenho da despesa com “Amortizações” é a principal causa deste incremento.